ANNO XXVII — N.º 18
Rio, 6 de Maio de 1933
PREÇO: 1$000

O conto brasileiro

A LOUCURA DO ASCENSORISTA — *De Mario Mansuet*

— Céo ou inférno, dr.?

— Que?!

— O'ra veja! Desculpe... queria dizer, "sóbe ou décе"?

— 20º andar — resmungára o médico, aborrecido.

Eu subira com elle, que tinha escriptorio no 20º, até o 5º onde ambos foramos cumprimentar um amigo commum recem-chegado de uma viagem naquella manhã. E, ao descer, disséra ao ascensorista, achando graça na idéa estranha:

— Eu vou para o inférno, Olivério...

Recordava-me do dialogo de uns quinze dias antes, ao ler a noticia da doença subita do Olivério, o preto bom, serviçal, que, ha dez annos já, vivia subindo e descendo, o dia todo, em diversos arranha-céos da cidade. Naquelle, então, onde eu tinha interesses a tratar com um médico e literato amigo, fazia seis annos que abria e fechava cem, duzentas vezes, diariamente, a portinhóla gradeada do elevador.

Eu sympathizava com o preto manso, sempre prompto a um sorriso, luzidio como um jabolão, montanhas de paciencia pesando-na luminosidade do olhar. Deter seus trinta annos... e um tino triste.

[illegible]orem, desde aquellas palavras, notára, Olivério não era o [illegible]mo. Que teria produzido o des[illegible]librio naquelle cérebro re[illegible]lo e liso, onde o dactylographo [illegible]4º andar costumava, por gra[illegible] fingir que se via ageitando [illegible]avata?

[illegible] movimento no arranha-céo en[illegible]ecia. Companhias importantes nelle tinham seus escriptorios. E [illegible] um perpassar continuo, cine[illegible]graphico, o daquella legião de [illegible]onecos guiados, como vérmes, pel[illegible] vontade superior de um ele[illegible]man dominador...

[illegible]tylographas desenvoltas, pi[illegible]s, correntistas sem futuro, [illegible]os de escriptorio angustiados, [illegible]édicos volúveis, com a cabeça a [illegible]stalar de casos sérios, dentistas [illegible]leugmaticos, de gabinetes empe[illegible]hados, "manicures" ultima palavra em jantarzinhos camaradas, pelintras com receio de esbarrar na sujeira dos outros, vivedores, á margem da vida, todos arrumadinhos nos seus destinos, iam e vinham, a todas as horas.

— O seu?

— Quarto.

— Nono.

— Décimo quinto...

De manhã, almoço, de tarde, aquelles corpos de variados feitios, gente de toda côr, de linguas oppostas, typos exóticos, sympathicos, antipathicos, feios, bonitos, acotevelavam-se, rumorejavam, surgiam, avançando para o elevador.

Phrases soltas, sem interesse. Futilidades. Pedidos, favores, cumprimentos mais ou menos frios. Recadinhos. Ditinhos...

Mesmo ao entardecer havia sempre um casalzinho, uma dama, suspeitos, sujeitos mal encarados, quem sabe com promptuarios na policia, cheirando a alcool, falando de café ou de jogo. Despistadores...

Outros, sem cerimonia, combinavam durante o curto trajecto "sessõesinhas" para a noite, urdiam planos escusos, de alto coturno, que o negro era obrigado a testemunhar. E os "coronéis" cynicos, que subiam ás vezes de um andar, com o laço da gravata desfeito, para logo entrar noutro, atraz de mulheres?

Seria aquelle mathemático "todo dia" repetido, aquella ronda epiléptica gira-girando, gerando sons confusos, urros e estalidos, tréc-tréc de ferros batidos, pac-pac de passos, "pálus" e "olás", murmurios e risos, soluços de doentes perfume de mundanas e cheiros de graxas e remedios, "obrigados" e blasphemias que, durante dez annos já, augmentando sempre, martelando-lhe sem dó a pobre cabeça banza, seria tudo isso que afugenta para o matto, espavorido, o neurasthenico mais agudo, que acabára por virál-a?

A pobre cabeça lustrósa, escurecida de mysticismo...

Quem sabe lá?

E o sorriso do negro era como um "store" escuro corrido deante de um holophóte:

— Pois não, patrão, ás suas ordens.

E até havia quem lhe désse gorgetas...

— 20º andar.

O ascensorista era outro. Olivério estava se tratando numa casa de saúde. E, soubéra, melhorava.

O meu amigo parece que vinha ao encontro da minha curiosidade:

— Você, que vem sempre aqui, Mario, lembra-se do Olivério?

Si me lembrava...

— Fui visitál-o. Tive pena delle por não haver comprehendido naquella occasião o seu estado...

— E então?

— Está quasi bom. Parece que foi um ataque passageiro. Commoveu-se com a minha visita. O enfermeiro contou-me que, nos primeiros dias, elle tinha instantes de completa immobilidade. Ficava absorto, ar bôbo, os grossos labios despencados, olhos arregalados, querendo rasgar a pupila de jabotícaba muito viva, bolando na coalhada do lóbulo ocular...

Depois, elevava o olhar, devagar baixava-o de novo e ciciava, de mansinho, fitando o enfermeiro:

— Céo ou inférno? Céo ou inférno? Céo...

E assim ficava muito tempo. Parava, como quem espéra a resposta. E, subito, escancarava a bocca numa gargalhada explodida que sacudia todo o leito. O enfermeiro segurava-o, dava-lhe um calmante, e elle adormecia pesadamente.

— Soube que vae ter alta logo, daqui ha uma semana. Creio que fica bom. Mas, com certeza, perde o emprego...

Uma chuva fininha, de reclame de capas de borracha, cahia lá fóra, emquanto os homens e as mulheres continuavam a passar arrumadinhos no seu destino. Só a vida permanecia immutavel, estratificada como o amôr allegórico das mulheres desafiando o bruto dynamismo dos homens...

Já havia esquecido o caso do ascensorista, banal para esta época em que a fome do titan-curiosidade é saciada jornalisticamente até quasi a indigestão...

O friozinho estava convidativo para um bom cavaco literario. E a garôa "branca de neve", pulverizada nos prédios, acabava de se recolher, absorvida inteiramente pela inspiração dos poetas insaciaveis...

— 20º andar.

Era impossi[illegible] me lembrar do preto...

— Bom dia, dr.!

(Continúa na pag. seguinte)

— Temos novidade do Olivério, meu caro... Parece incrivel, mas o homem possuia um diario intimo, onde annotava as suas impressões de ascensorista!

— Que mania!

— E que impressões! Olhe ahi em cima da secretaria. Veja que dados interessantes para um psychiatra... Elle pediu-me que retirasse alguns objectos do seu quarto e... já vê você que eu como medico...

De facto, lá estava uma coisa parecida com um diario: um caderno azul, pouco limpo, amassado de tanto ser enrolado e desenrolado. No começo, umas garatujas. A data do inicio. O nome do diarista da propria vida. Em seguida novas datas encabeçando annotações sem importancia, contas, entradas e sahidas extraordinarias, ordenados recebidos, despezas. Porem, depois, o que prendêra a attenção do medico:

"9 de dez. — Neste serviço besta já não sou senhor de mim. Que é que tem que fazer essa gente lá em cima? Quem disse que se acabou a escravidão? Sinto uma saudade de alguma coisa que nem sei o que é... Estou pensando, ás vezes, na minha patria, no meu lar de negro honrado, quando, de repente, como aconteceu hoje, vem um peccador e péde: "3º andar".

A loucura do ascensorista

(Conclusão)

Levo-o para o 13º e depois tenho que ouvir calado o estrilo"...

"10 de dez. — Sou um automato; não sou mais homem. Meus braços são duas mólas de aço incansaveis. A minha paciencia está se esgottando. Chego a esquecer que sou eu quem abre e fecha a maldita porta do entreposto. Mas as almas não se cansam de subir e descer, pedir este ou aquelle andar. Si ellas imaginassem que meu sorriso é antes um arreganho de féra mal despertada! Já não durmo direito. Tenho pesadelos horriveis! Quero ar, espaço!"

"11 de dez. — A' noite, quando me recolho ao quarto, sinto-me tonto, parece que estou bebedo. As palavras dos peccadores, tanto dos que vão para o céo como dos que vão para o inferno, dançam desarticuladamente na minha cabeça. E os numeros dos andares? Do 1º ao 25º, todos sapateiam diabolicamente nas salas do meu cerebro. Começam da 1.ª e sobem até a 25ª. Depois, tornam a descer barulhentamente, rindo e caçoando commigo... Minha cabeça é um arranha-céo habitado por demonios"...

"13 de dez. — Hontem, 12, tive melhor. Mas, á noite, vol a correria dos numeros e son outra vez que era S. Pedro, co no mez passado. Estou cansado segurar as pesadas chaves do Para ir para o inferno, ningu péde... A maioria entra nas las do purgatorio. De vez quando, apparece um que de ir lá para cima. Então eu perg to o que é que elle quer fazer em cima. Quando elles vão curar alguem, eu deixo, mas é p descer logo. Hoje, levei um procurava o sr. Jesus Chri advogado. Mas, chegando lá cima, esqueceu-se do homem, p exclamar desilludido: "Esta dão é que é o céo"? E, tirand respectiva chave da minha n jogou-a pela janella a fóra. seguida entrou no entreposto almas e disse: "Tóca para o ferno!" O meu desejo é me esse: conduzir todos para o ferno!...

"14 de dez. — Meu companh de quarto está se queixando mim. Disse que eu não o de dormir com meus falatorios. que esta noite cheguei a pular cama gritando: "Segura o el dor, segura o elevador"! E que mesmo tempo, saltava de br erguidos, como quem quer p der alguma coisa que se eleva.

A MINHA COMPANHEIR

Foi em Maio ou em Setembro?
Talvez Outubro entrasse em seus primeiros dias
Não me recordo mais... Ha tantos annos!...
Eu sei que havia rosas em botões
E amoras bravias...
Mas não importa os meus enganos...
Foi em dias de horas de Stambúl:
A esmeralda do mar sonhava um sonho verde
E a saphyra do céo sonhava um sonho azul!

Assim que conheci a companheira
De minha infancia... Criancinha e bella.
Criança como eu era, paroleira...
O seu nome... Que pena!
Nunca pude saber o nome della!

Brincavamos no campo o dia inteiro,
Dia cheio de sol, de passaredo,
De borboletas voluteando
Em chusma de mil côres,
Farfalhando
Em folguedo...

Depois... O poente era irrequieto e amigo,
A perspectiva mais chegada...
E a noite vinha cheia de perfumes
Em sua vigilia estrellada,
Num arfar de folhagens em queixumes...

facto, eu sonhei que o mundo era um immenso arranha-céo.

"Meu entreposto fizéra gréve e queria servir só o mundo. Após varar o pavimento, vindo não sei de onde, vertiginosamente, subia com a velocidade de um meteóro e furava as mais altas nuvens, depois de arrancar um pedaço do tecto. As 25 almas damnadas perseguiam-no em bando, numa algazarra medonha. Foi quando eu quiz pegál-o"...

"15 de dez. — Positivamente, eu não posso mais disfarçar. Vou ver si arranjo outro serviço".

— Que barulho é esse? — interrompeu-me o clinico.

Ouviam-se vózes alteradas no corredor, vindas pela rêde do elevador. Ainda terminei a leitura do diario:

"O mundo está ficando um vasto hospicio. E eu quero ser conductor de malucos"...

— Leu? Mas espéra um pouco: vamos ver que rôlo é aquelle lá em baixo...

— Você está doido, Olivério! O emprego agora é meu. Que é que eu tenho que ver com sua doença? Quem foi ao vento...

Era o negro que voltava.

Premi a campainha, com insistencia.

— Vamos impedir que elle faça algum desastre...

Depois de repetidos tóques, chegava o elevador.

— Que é isso, rapaz?, — perguntou o medico, aprehensivo.

— E' o Olivério, dr. que quer o antigo emprego. Creio que elle não está bom da cabeça. Disse que "si eu penso que elle é millionario"... "que elle é S. Pedro, mas precisa "de" ganhar a vida"... Vá sahindo... Commigo não!

O elevador alcançava o pavimento. A vóz forte do preto avolumava-se, rouca:

— Desça do céo, desça do céo! Isso ahi não é lugar prá você!...

Repentinamente, na altura do 2º andar um rumor brusco de passos, seguido de gritos de susto e advertencia:

— Páara, pára!!

O novo ascensorista estava distrahido, conversando comnosco. Como que adivinhei a situação. Enfiei um rijo ponta-pé na portinhola, ao mesmo tempo que movia a chave, parando o elevador a metro e meio do rez-do-chão. De gatinhas, sahimos e, feita a volta, pela escada, fomos encontrar alguns rapazes puxando Olivério, que ficára, na teimosia de doido, atarracado sob a gaióla de aço, salvo, por um "palpite" que déra certo, de ser transformado, em segundo, numa pósta rubra... E gritava ainda!

— Não deixem elle subir! Não deixem elle subir!

Espumava, desvairado.

— Já chamaram a ambulancia?

— Neste momento...

— Mas o que é que elle queria?

— Elle forçou a porta do elevador e queria segural-o, "antes que fosse para o inferno"...

O negro desfigurava-se:

— Venha cá, S. Pedro, que eu *te* amasso!

Os olhos, afogueados, injectavam-se de sangue. Queria gesticular. Num safanão irrefreavel, soltou-se, atirando ao chão dois dos rapazes, que o retinham. Alguem aconselhava calma. E outro: "Cuidado com a saliva..." O negro pulára em direcção ao novo ascensorista. Foi seguro antes que o alcançasse. Chegava a ambulancia. O pobre era quasi arrastado. E antes de entrar, preso por oito braços: "Deixe que elle vá para o inferno, deixe... seu dr. Elles não querem dar o meu brinquedo! Eu quero o meu brinquedo...

E, vendo que ninguem o attendia, berrou:

— Céo ou inferno, cachorrada? Dr., vamos tomar um aperitivo? Eu hoje estou sem appetite algum...

E noites de luar... Flôres cheirosas...
Que mysterio de ancias abafadas!
Que ansiedade de coisas rumorosas!...

E cada insecto ou fronde, e cada corpo em cruz,
As vagas, o infinito, o espaço a fóra,
— Tudo vibrava palpitando e ardendo em luz,
Numa orgia de céos,
Com olhos cór da noite e azas côr de aurora!...

Uma vez... Uma vez...
Foi... Não se lembra em que mez
Minha memória cansada.
Chegou-se a mim chorando e contou que seguia
Para um outro logar, naquella hora...
Eu dei de hombros e não disse nada.
(Ella estava tão linda nesse dia!)
Eu cortei os meus dedos
Num pedaço de lata dos brinquedos,
E ella se-foi embora...

....

Hoje, pareço vel-a á hora em que partia...
Pareço ver os brinquedos
Aos meus pés, como abrólhos...
E penso (quem diria?)
Que o sangue que corria dos meus dedos
Eram as lagrimas vermelhas dos meus olhos!

BRIGIDO TINOCO

FLOR DE SONHO E DE LUAR...

Si tu, sob esse luar, tão branco, em que reviste
sitios, evocações da antiga e fragil trama,
e as minhas pobres phrases, frivolas, ouviste
sem lhes notar o meu espirito em chamma;

si tu, que és uma flôr amorenada e triste,
a quem a vida, agora, as petalas inflamma,
na escura noite dos meus olhos não sentiste
a nova luz que o teu olhar negro derrama?

E si nunca sentiste a grande insiparção
fremente, apaixonada, exultante e florida,
das minhas horas más de tedio e solidão

— é que ainda não deixaste, em repouso de flôr,
assim, nos braços teus, sonhando a minha vida
uma vida de sonho e uma illusão de amor...

STENIO DE SÁ

DURA LEX...

DE ARY KERN

Tam, tam, tam!...
ronca o machado em mãos do lenhadôr;
e um éco resôa na floresta,
como a expressão da dôr...

novamente repete-se o rugido,
uma, duas, déz vezes e outras mais...
e o madeiro impotente tomba aos poucos,
sem prantos e sem ais...

indifferente, no seu vandalismo,
prosegue o lenhadôr...
move o gume lethal do seu machado
o seu destino de trabalhador...

a illacrimavel lei universal,
do mais forte ao mais fraco dominar,
manifestasse ali, clara e evidente,
na quéda do carvalho secular...

Uma anedota sobre Bolivar

* * *

UM sargento fôra condemnado á morte, em conselho de guerra, devido a uma grave infracção. Está na capella contricto, com santa resignação, e péde misericordia a Deus.

Uma joven, formosa, força a guarda do dictador e, desesperada, louca, penetra em seus aposentos, cáe a seus pés e fére os céos com ais e lamentos dolorosissimos. O general permanece inexoravel; a sentença será cumprida. A pobre moça, meio morta, é arrastada para fóra. Seu noivo vae morrer, os santos esponsaes vão ser desfeitos á porta do casamento.

Nessa mesma noite, ás duas horas da manhã, quando todos estavam dormindo, uma sombra apparecia, mysteriosamente, na sala do dictador: era uma mulher vestida de preto, seguida por um official. O dictador teve com ella uma curta conversa.

Ao amanhecer, antes de sahir o sol, um piquete de soldados descia ao longo da muralha de Puerto Cabello; o sargento, pallido, mas firme, posta-se á borda da sepultura para cavada, naquelle sitio, ao p[é do] forte.

"Pelotão, fogo!" O se[ntenciado] cáe, a fio comprido, [den]tro da sepultura. No dia [se]guinte, seus camaradas f[oram] ver a terra fresca que cob[ria o] cadaver do amigo, e chora[ram] sem comtudo, maldizer o general.

Muitos annos depois, qu[ando] se soube, na Venezuela, do [fal]lecimento de Bolivar, um v[elho] dirigiu-se á igreja de uma [al]deia dos Llanos, seguido [da] mulher e dos filhos, todo[s de] luto. Ouviram, com devo[ção] a missa que elle mandára [dizer] por alma do Libertador, e [vol]taram para casa, cujas p[ortas] e janellas foram fechadas. [A] familia, naquelle dia, não [co]meu, e a vizinhança escu[tou] até meia-noite, copioso pra[nto.] Esse velho era o sargento [fu]zilado ao pé da sepultura.

Eis como os grandes capi[tães] combinam as duras penas [mi]litares com as suaves exige[ncias] da humanidade. O culp[ado] passou por morto para to[do o] mundo, e viveu feliz, com o[utro] nome, em um rincão obsc[uro,] bemdizendo, juntamente co[m a] esposa, a memoria de seu [ge]neral e salvador.

J. MONTAIA

A SAUDE DA MULHER

O GRANDE REMEDIO DAS DOENÇAS DE SENHORAS

RENUNCIA FORÇADA

QUANDO, naquella noite de pleno plenilunio, Mauricio confessou sem rebuços, a Maria Lucia, o seu grande amôr, alimentado em segredo durante tantos annos, ella, fixando-o bem, com os seus lindos olhos sonhadores e voluptuosos, e tendo um sorriso a bailar-lhe nos labios, perguntou-lhe, de modo a não embaraçal-o:

— Como poude silenciar tanto tempo, occultando-me um facto tão importante?

— Foi receioso de susceptibilizal-a, Maria Lucia; mas, Deus sabe o quanto isso tem me custado...

— O interessante é que me confessa uma coisa que eu ha muito já sabia...

— ?!...

— Sim, sabia; tinha-o adivinhado nas suas attenções especiaes para commigo, no seu interesse por mim e por tudo quanto me diz respeito...

— Creia, Maria Lucia, que fiz tudo para que a ninguem, nem mesmo a você, fosse dado perceber o meu segredo!...

Mauricio, sei do seu grande amôr por mim; sei da sinceridade desse mesmo affecto; sei mais que é capaz de sacrificios por mim... Eu, tambem, o quero muito, não tanto como me quer, mas, quero-o muito, affirmo-lhe.

Ante essa declaração, Mauri animou-se e beijou Maria Lu nos olhos.

. . . .

Os tempos se passam.

Maria Lucia e Mauricio am se loucamente. São como dois vos que se comprehendem e c qual mais cioso dos seus direi

Nada fazem, nada resolvem, s previa combinação.

São felizes apparentemente...

Mauricio constróe lindos cas los, sonhando com a felicidade o espera, quando elle puder, dia, estreitar Maria Lucia em braços e tiver o direito de d orgulhoso: — "E's minha!..."

Maria Lucia soffre á propor que vê augmentar a felicidade Mauricio, adivinhando-lhe os samentos que ella sabe; jan poderá tornál-os realidade.

Uma noite, em que, juntos, jardim, mãos enlaçadas, Maur repetiu a Maria Lucia o seu g de amôr, não se sabe como, ho a attracção das bôccas que se caram e o beijo se succedeu...

O primeiro beijo de amôr!...

Esse beijo que torna o hon capaz de todos os sacrificios possiveis, para realização dos sonhos!...

Maria Lucia advertiu Maur do perigo desse beijo, chega mesmo a censurál-o. Foi a pri ra nuvem negra no céo azul ventura de Mauricio.

Momentos depois, já nen delles se lembrava do incide quando Maria Lucia ella mes num gesto provocador e disfa do, offereceu a sua bôcca a M ricio. Novos beijos e novas j de amôr foram trocadas.

O tempo corre celere e com mais avulta o desejo de M ricio...

Certa vez, em que, como de bito, ambos trocavam juras, M Lucia, tendo no olhar a tris das rosas brancas ao se desf rem, perguntou a Mauricio:

— Tú te consideras feliz, amôr?

— Pois não devo me julgar liz, eu, que tenho a certeza teu affecto?!...

— Como tenho pena de ti, M ricio, por ver que tú tens lou por mim, quando eu, é facto, de ti, mas, não tenho esse que tú me dedicas. Adivinh teus pensamentos e a minha

De Orlantino Loredo

mais augmenta, por saber que nunca poderei te fazer feliz, inteiramente feliz, como mereces.

— Por que, Maria Lucia? Acaso não me julgas digno de ti? Não tens a certeza do meu amôr? Por que então essa blasphemia?...

— Mauricio, eu sou uma desgraçada: tenho escripto no livro do meu Destino que jamais poderei ser feliz, nem fazer ninguem feliz... Procura esquecer-me, Mauricio. Tú és moço, intelligente, tens direito á felicidade e fatalmente serás feliz um dia, dedicando-te a outra mulher... Procura esquecer-me. E' melhor para nós ambos. Esqueçamos o que ha entre nós e continuemos amigos. Esquecendo-me, tú voltarás a ser feliz, sim; porque o passado não existe...

— Maria Lucia, que prazer tens tú em amargurar-me a alma com esses conselhos?... comprehendes que, com isso, eu soffro muito. Já não sabes que, sem ti, eu não poderei viver? Maria Alice, a minha vida está em tuas mãos: de ti, da tua vontade, depende eu viver ou morrer... E' tão grande a minha paixão por ti, que, se acaso, decretares a minha morte, eu, só para te obedecer, desertarei da vida: — suicido-me!

Maria Lucia não poude conter as lagrimas e, com um carinho acompanhado de um beijo, pediu a Mauricio que não continuasse a falar assim.

"Esquece-me!" Mauricio não podia comprehender como Maria Lucia, tivéra a coragem de, friamente, aconselhal-o a renunciar ao seu amôr, á sua grande paixão.

"Esquece-me!" Não era possivel que Maria Alice tivesse falado sério... Positivamente, ella estava gracejando, pensou Mauricio... Provavelmente, Maria Lucia quer experimentar-me, quer ver o effeito que causam em mim as suas palavras, aventurou elle...

Foi animado por essa esperança que, cauteloso, timido, elle se aventurou a perguntar a Maria Lucia, si, de facto, ella falava sério. Lembrou-lhe a sua grande paixão, os sacrificios de que seria capaz para fazel-a feliz, tudo, tudo, de modo a que a mesma comprehendesse a gravidade do conselho que lhe déra. Animando-se mais, Mauricio tomou meigamente as mãos de Maria Lucia e pediu-lhe, entre caricias, que lhe dissesse que estava brincando.

Maria Lucia, fixou demoradamente os seus lindos olhos em Mauricio e, tomando-lhe as mãos, disse-lhe triste, mas, resolutamente:

— Meu amôr, eu tenho uma profunda pena de ti, por ver que tú soffres tanto, por minha causa; quizéra poder te amar, como tú me amas — allucinadamente; mas, infelizmente, isso não é possivel... Eu não posso, não quero, nem devo amar ninguem, porque faria a essa creatura infeliz... Eu sou uma mulher de temperamento incomprehensivel: adoro a liberdade sem limites, não essa liberdade convencional, que nada mais é que um simulacro de liberdade. A liberdade como eu a comprehendo é o vôo da aguia pelos pincaros alcantilados das alterosas montanhas... Liberdade igual eu não posso ter; por isso, adopto a que mais della se aproxima. Presa a um homem pelo coração, eu terei fatalmente que abdicar da minha liberdade, que tanto adoro; por isso, é que te peço: procura esquecer-me, volve ao passado, ao tempo que tú me amavas em segredo... E' melhor para nós ambos. Continuemos apenas bons amigos e nada mais. Procura esquecer-me!...

— Disse isso e, beijando as mãos de Mauricio, levantou-se, dizendo-lhe, por fim: "Bôa noite!"

Mauricio, durante todo o tempo

(*Continúa na pag. seguinte*)

em que Maria Lucia, falava, não pronunciou palavra, limitando-se a interrogal-o com o olhar...

Quando ella se levantou e se despediu, elle ainda se deixou ficar por alguns minutos, em abandono na cadeira em que se encontrava. Depois, machinalmente, levantou-se e sahiu em direcção ao portão, sem saber mesmo o que ia fazer.

Já na rua, Maria Lucia chamou-o e elle, retrocedendo, veiu ao seu encontro e perguntou-lhe:

— Que queres?

— Onde vaes, Mauricio?

— Vou procurar esquecer-te, Maria Lucia...

Rapido, ganhou o portão de sahida e desappareceu no turbilhão da rua.

Maria Lucia voltou ao interior da casa, triste, arrependida, como si um presentimento terrivel a assaltasse...

Na manhã seguinte, manhã de sol, de intensa luz banhada, quando Maria Lucia deixou o leito, já tarde, um portador batia á porta e fazia entrega de uma carta confidencial e endereçada a Maria Lucia, carta que o delegado de policia mandava entregar.

Maria Lucia empallideceu e, como si tivesse a certeza de uma desgraça, não teve coragem para abril-a, preferindo então chorar. Era preciso, entretanto, lêl-a, e não foi sem um esforço supremo que ella, nervosamente, rasgou o enveloppe e poude lêr a carta que lhe era endereçada. Dizia assim a carta:

"Maria Lucia. — Mesmo nos momentos de maior indifferença, des-

RENUNCIA FORÇADA

(Conclusão)

sa indifferença pelo soffrimento alheio, que só póde ser taxada de criminosa, estou certo, tú nunca pensaste fosse eu capaz do gesto que acabo de praticar.

Disse-te, um dia, em que a minha alma amargurada não me permittia silenciar, que a minha vida estava em tuas mãos...

Unicamente de ti, da tua vontade, dependia eu viver ou morrer.

A tua vontade decretou a minha morte, e eu, cégo por ti, inteiramente cégo, subordinado á tua vontade, corro voluntaria e estoicamente ao encontro da morte! Covardia! — dirão todos...

Não é tal. Gesto de coragem e de desprendimento pela vida, digo eu.

Tudo eu fiz para te conquistar inteiramente.

Durante cinco longos annos, com uma tenacidade e uma persistencia capazes de desafiar a paciencia de Job, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, eu procurei conquistar-te a alma. Não a consegui inteiramente, mas esse pouco que obtive, foi o bastante para me embalar numa felicidade que, si não foi completa, foi, entretanto, consoladora...

O corpo não consegui conquistar-te, porque não me julgaste digno de ti.

Duvidaste sempre, mas, hoje, tenho a certeza, não duvidarás mais do quanto eu te queria, do que seria capaz de fazer por ti, para que tú pudesse um dia te julga feliz...

Foi o Destino, foi só elle qu fez não te entregares a mim inte ramente, para que eu pudesse m julgar um homem feliz, inteir mente feliz, muito feliz...

Não te culpo por isso. Sabia d teu pudor e da tua honestidade.

Por isso mesmo, desejei-te sei pre, muito e muito... Por es razão alimentava ardentemente desejo de te estreitar um dia e meus braços e poder dizer-te c gulhoso e feliz: "E's minha!" Nã o consegui. Paciencia...

Agora, já não mais soffrere Atirado ao fundo de uma cov sob o peso da terra accumulad que esmaga, o meu corpo se di solverá e com elle o meu coraçã que só pulsava por ti, na ans de te possuir o corpo e a alm irmanados!...

Si houver uma outra vida (que não creio), um dia, lá n haveremos de encontrar e nes dia então haverei de ouvir de t do teu grande arrependimento, teu remorso! Será tarde, mui tarde!

Eu não te quero mal. Mesn morrendo por ti, eu não tenho c ragem de te odiar, tão grande o meu amôr por ti, a unica m lher que conseguiu me empolg por completo! Quero apenas q não esqueças nunca que eu fui teu unico amigo na vida, o uni e absoluto, capaz de tudo para q não soffresses, não tivesses a m nor contrariedade ou o meu aborrecimento.

Adeus, minha vida! Não esqu ças nunca que eu te quiz co loucura. Recebe o ultimo bei angustiado do teu — Mauricio."

RENUNCIA IMPOSSIVEL

DE A. BELTRAM SOUSA

ERA a terceira vez naquella tarde morna. Pela nossa frente, passára, rapida, nervosa, a figura altiva, fina, encantada. E o meu amigo, pela terceira vez em lapso de tempo tão curto, parára, surprezo, sem palavra, os olhos entre sorriso e lagrima.

Si a minha curiosidade fôra até então, sopitada, não me contive ante a imminencia de uma quarta repetição da mesma scena e indaguei a razão de ser daquillo tudo.

Elle, após longo instante de silencio, vencendo, em passadas largas, o asphalto da avenida, falou:

— Estranha e curiosa coincidencia! E' a terceira vez a atravessar hoje, ou melhor, esta tarde, a nossa frente, essa mulher fascinante... E digo estranha, porque ainda uma vez o destino ironico e ardiloso, se compraz em ferir a um descrente, a quem de ha muito não crê na mulher, por culpa exclusiva de u'a mulher... Essa figurinha altiva, fina, rapida, nervosa, esse louro, louro atenuado esses olhos grandes, grandes, esse todo de encanto e lenda, é a reproducção perfeita daquella outra, da que leva as culpas todas das illusões que se foram...

As nossas passadas continuavam pelo asphalto da avenida, na tarde morna, emquanto por nós, as transparencias cruzavam, attrahindo olhares discretos e indiscretos.

Elle voltou a deixar cahir palavra a palavra, como num grande esforço ou num peso exaggerado...

— Você sabe como amei, ha alguns annos. Ella era tudo em minha vida; sol e lua, verão e outomno, primavera, sonhos, illusões, promessas, mentiras, encanto, fascinação, felicidade! Era tudo! Amava-a dias e dias, noites e noites, sem fim. Devorava suas cartas, bebendo suas phrases, que tinham colorido, sabor... E quando uma folga na minha vida agitada de trabalho permittia, lá ia, feliz, para a sua proximidade. Mas, — a voz do meu amigo perdeu a sua intesidade — ella foi também inverno. Louco, jamais pensára na possibilidade dessa realidade amarga. O destino... Nem sei mesmo porque; esqueceu-me.

E, desde então, você bem o sabe, eu, que era sincero e neste meio hypocrita, interesseiro, sabia pairar acima das pequeninas maldades, transformei-me n'um scéptico, não acreditando nas promessas femininas. Hoje, ellas falam, cantam, gorgeiam. Eu ouço apenas, ou melhor, dou a impressão de que sou todo ouvidos... Falam, cantam, gorgeiam... Isto tudo, porém, porque o bem querer passado não desappareceu de todo. Fica sempre a recordação da mulher, que foi sincera algum tempo.

A esponja necessaria retarda ainda. E você deve ter notado a maldade do destino... Faz com que u'a mulher mysteriosa e fascinante, venha reviver a que se foi... Logo, nem mesmo é permittida a amarga realidade de uma renuncia... uma renuncia impossivel!

A tarde morna e quasi encantada continuava; as transparencias, as diabolicas manejadoras eternas de corações, sem corações, cruzavam.

Olhei melhor para o meu amigo. Elle não sorria. Elle não chorava. No emtanto, os seus olhos, entre sorriso e lagrima, reflectiam estranha figura de mulher, altiva, fina, seductora...

CORAÇÃO EXTREMOSO!

PASSÁRA distincto cavalheiro de braço dado com elegante senhora, e duas linguas moderadas ficaram falando:

— Não é mulher delle...

— Amante.

— Andam os dois assim pelas ruas!

— Andaram sempre noutros tempos, quanto mais agora... Não é natural, mas coisa alguma tem alguem a ver com o caso. Quem teria de providenciar acêrca disso seria o marido della; porquanto tem marido a linda senhora, isto é, teve. E pouco se lhe dava andar a companheira com quem quizesse; pois desapparecia do Rio aos sabbados para só se tornar visivel ás segundas-feiras. A sua amante reside em cidade proxima á capital federal e exigia-lhe a visita semanal. Sabedor disso o distincto cavalheiro, tratára de perseguir a solitária do bangaló (*) da *rua x* e conquistára-a.

— Affirmava elle não ser amante della. Dizia ter lhe pena por andar tão só a mimosa e elegante senhora neste immenso Rio e procurára proporcionar os meios de a distrahir para não ficar neurasthenica!

— Muito extremoso! Era amigo do marido, tinha idade de ser pae de ambos... Não corria risco!

— Nesse caso deveria leval-a a passear em companhia da mulher delle...

— Esta tinha odio mortal á outra. E' muito feia: tem uns olhos horriveis e inflammados pela sapiranga; o nariz é tão grande que nunca mais se acaba; a bocca, uma gamela; o queixo parece uma canôa...

— Com tudo isso casou-se com elle!

— Muito rica. E dizem que é muito bôa. Elle, é esta a verdade, respeita-a e tem certos zelos por ella. Por exemplo: não permitte a mulher andar na rua a não ser em sua companhia. E' facil comprehendêl-o: evita um encontro desagradavel! Quando passeia com a amiguinha, está a todo momento telephonando á mulher para lhe recommendar certos cuidados acêrca da saude della, para lhe dizer que não saia de casa sem elle chegar, pois não demorára.

— Pirata escovado!

— Entretanto, como todo esperto, já cahira tambem numa embrulhada! Fôra a certa festa elegante no Municipal, e o apparelho de um reporter photographico apanhou um grupo distincto, e neste se achava elle de braço dado com a pequena, ambos muito alegres e distrahidos. No dia seguinte, veiu a photographia num matutino carioca e rasgou a pagina, afim da mulher não lhe indagar sobre a occorrencia. Teve depois enorme trabalho de comprar, durante a semana, todas as revistas illustradas e ainda encontrara numa dellas a photographia denunciadora.

A mulher delle fôra *tapeada*; o marido della, no emtanto, ficára surpreso quando se lhe deparara o instantaneo do matutino. Um escandalo inevitavel. Não obstante o desamparo em que deixava a linda esposa e a falta de zelos pela interessante creaturinha, não se conformára com o ultraje á sua honra.

— E' sempre assim. Dahi...

— Dahi a dias, a proposta de divorcio por parte do marido ultrajado. Este mudára-se definitivamente do Rio e o outro continúa a espargir entre a esposa e a outra os affectos do coração extremoso!

HERMINO LYRA

(*) "Bangalô", termo portuguez: casa de campo na India. Registam o Diccionario da Lingua Portugueza de Simões da Fonseca e outros.

RAYMAR (Bahia) — Olá, illustre e distincta bahiana. Filha da terra de Ruy Barbosa e Carlos Chiacchio.

Quem fala na Bahia não póde esquecer nunca o vatapá, o carurú, a pimenta malagueta, Castro Alves e Nosso Senhor do Bomfim.

Ora viva, pois, a Bahia, N. S. do Bomfim, o vatapá, o carurú, a malagueta, o Ruy, o poeta Castro Alves e, agora, D. Raymar! Viva!

Tudo isso vem a proposito da sua carta perfumada, traçada num fino papel azul-celeste.

Como essa missiva não interessa apenas á minha pessôa, ella vae aqui na sua integra. Dois pontos:

"Yves: A ti minha admiração sincera. Mando pelo teu intermedio o meu parabem ao "Fon-Fon" pelo seu anniversario e votos faço para que, num esbanjamento de belleza, elle continue a nos deslumbrar com as luzes maravilhosas dimanadas dos espiritos de Bastos Portella, Elcias Lopes, Gustavo Barroso e outros, que illuminam feericamente as suas paginas.

Ao Yves, que fakirisas tanto o meu espirito com a finura da tua intelligencia, votos de ventura envia a admiradora — *Raymar*."

E, agora, — muito obrigado.

EME GÊ (Minas) — Hom'essa! Briga a onda com o rochedo e quem o pato é o pobre do Yves...

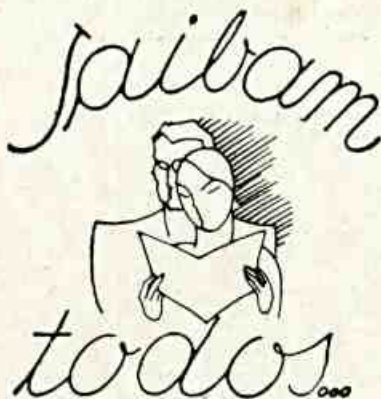
Não é v. ex. a primeira mineira que me vem dizer que as filhas de Minas são creaturas de eleição, isto é, damas dignas do mais alto apreço e capazes de rivalisarem com as paulistas e as gaúchas.

Ora, eu tambem sou da mesma opinião. Adoro as mineiras. Mesmo a despeito de serem desconfiadas. E a mim não custa nada dar um viva bem forte a ellas. Lá vae elle: Vivam as mineiras! Vivam! Vivam!

Gostou, D. Eme G? (M. G.).

Mas, para melhor se avaliar até que ponto chega o seu patriotismo, ou antes, o seu orgulho regionalista, dou aqui a sua missiva, com a mesma literatura com que Deus permittiu que v. ex. escrevesse:

"Meu caro Yves. Com um simples "bom dia" acompanhado de meus mais sinceros votos de felicidade, venho a sua presença, não para apresentar-lhe um conto ou um soneto, mas, para ter o prazer de durante alguns instantes falar com você.

Saibam todos...

Infelizmente não posso, como as valorosas paulistas apresentar-lhe uma pagina que o satisfaça, porem como sou extramamente egoista querendo antes de tudo me satisfazer tomo o seu tempo, embora o saiba precioso, simplesmente para ter o prazer de o ter como observador. Sou mineira, Juizdeforana.

Para você, Yves, ser mineira é ser pouco brasileira. Para mim, não! Ser mineira, pertencer a terra gloriosa de Tiradentes, de Santos Dumont, de Claudio Manuel da Costa, de Barbara Heliodora, de Bernardo Guimarães, de Afonso Celso, de Basilio Magalhães, de Arthur Bernardes, de outros e de muitos outros que elevaram altamente o nome desta heroica terra de Sta. Cruz é alguma cousa de grandioso e belo!

Ser mineira é sentir em grau mais alto o orgulho de ser brasileira; ser mineira é viver sob um céu eternamente azul, sobre um sólo perenemente verde; é aspirar com satisfação o perfume inegualavel que só em Minas se aspira; é sentir o imperio magestoso grandioso dos montes que são as sentinelas deste povo que nada teme!

Ser mineira é pertencer a uma raça invencivel; é pertencer a uma terra, cujos filhos combateram, combatem e combaterão, se preciso for, em prol da Liberdade!

Amo o Brasil!

Amo-o, mas, neste corpo de atleta, o Brasil, eu amo com mais carinho, com mais dedicação, amo mais a esse coração grande, esse coração de ouro, no qual cabe todo o povo brasileiro; esse coração que impulsiona, que dá vida a esse Hercules extraordinario; esse coração que é todo um hino de amor e patriotismo; esse coração que é Minas Geraes!

Salve Minas gloriosa e invencivel!

Minas poderosa!

Minas que é todo o orgulho do Brasil!

Viva o Brasil!

A você, Yves, que teima em ser cégo embora sua vista esteja sã, um voto a que reconheça todo explêndor, toda beleza, toda maravilha desta "invicta" Minas.

Com grande admiração Eme Gê.". Juiz de Fora, 25-4-933.

Uff!

A carta é longa. Mas, a literatura é bôa. Agora, o que não comprehendo é essa indirectasinha commigo... do cégo que tem a vista sã, e mas isto e mais aquillo...

Deus do céo! Que é que hei de fazer? Já demonstrei, do modo mais eloquente, que adoro as filhas da terra de Tiradentes e a propria terra que dá o queijo melhor do Brasil.

Apenas... Apenas... Aqui é que gaguejo um pouco.

Ha pouco tempo, uma mineira telephonou para a minha repartição — somente para me provar que era uma mineira de élite... superior ás gaúchas e as paulistas...

Mas, a mineira de élite provou apenas que era mineira... Não teve geito de provar que era de élite... Isso, porém, não impede que eu goste e admire as suas distinctas conterraneas... Pelo justo não deve pagar o peccador...

Que diz? Si v. ex. não está de accordo, queira escrever-me novamente ou telephonar para 2-5456 ou 2-4186...

Mas, por Nossa Senhora! não se preoccupe com mostrar que é mineira de élite, superior ás gaúchas, ás paulistas, a todas as outras mulheres do mundo. Já sei, isto é, já adivinhei, pelo texto de sua carta elegante que v. ex. é uma juizdeforana de escol.

E parabens.

RÊVE (Bahia) — Upa! Um poeta! E eu que já me havia benzido, na esperança de que, esta semana, estaria livre desses representantes lyricos da fauna literaria!... Vejo que cantei victoria antes de alcançar a dita.

A prov é que aqui está o sr., caro *Rêve*... isto é, somho, em francez e, pesadello, para mim... em portuguez...

Vejamos a sua carta:

"Distinto Sr. Yves: Salve! Permita que roube a sua atenção, por alguns momentos.

Como leitor assiduo das suas criticas, é, que tomo a liberdade de enviar-lhe a presente carta. Não sei se porque perdi o "controle", entendi, de fazer uma outra aventura, enviando-lhe um sonêto para sêr submetido a sua critica, certo de que se fôr mal sucedido aproveitarei a sua lição.

Grato ficarei se tiver o seu acolhimento. O seu admirador — *Rêve*".

Bem. Agora o soneto... Mas este, caro *Rêve*, é, antes, uma réclame mal feita de um film... Em todo caso, elle aqui vae em homenagem á sua predilecta...

RECORDAÇÕES

"Quando canta o coração"
Foi o film que assisti;
Nas suas passagens lindas,
Lembrei-me muito de ti.

Numa ilha pitoresca
Denominada "Capri",
Um enredo parecido
Com nossa vida, eu vi.

Fez-me a chorar porque
Grande saudade senti.
Relembrava aquele dia...

Entre muitas que ouvi,
as palavras carinhosas,
Que nunca me esqueci.

Reve

Que culpa tem a moça de o sr. ser poeta-reclamista de filmes?

PEDRO, O PEQUENO (Minas) — Meu caro, em casos de tal natureza, cada um de nós resolve de accordo com a propria consciencia. Uma opinião pessoal seria imprecisa, parcial, ou erronea.

De resto, os detalhes que me fornece são muito defficientes.

Mas, façamos um resumo do facto que expoz na sua carta.

O sr. deu motivo para que a sua noiva tomasse uma attitude qualquer, em relação ao sr. Digamos: o sr. lhe fez um pedido, que considerou muito simples. Ella porém interpretou a coisa de modo differente.

Discutiram. O sr. lhe lança um *ultimatum*: ou ella o attende ou confessa que o melhor é romper. Ella pensa no caso. Procura ser cordata. Mas, caprichosa, violenta, acaba tornando-se inflexivel. Bate o pé: não! não!

Agora, o sr. admitte que, talvez, fosse possivel um entendimento, caso o sr. facilitasse um encontro entre ambos. E pede a minha opinião, "pois, soffrendo, como está, as saudades mais crueis, se sente em um estado de não poder discernir bem as coisas..."

Meus pezames... Mas, a minha opinião é contraria á tentativa de aproximação, feita pelo sr.

Em amor, "não ha grande nem pequeno", diz o amigo. "Ninguem se rebaixa, quando ama" — é ainda a sua opinião.

Muito bem, digo eu. Si foi ella quem rompeu, e não teve em conta, as suas saudades, é signal de que prefére o rompimento, a uma reconciliação. Talvez haja nisso um bom pretexto... para ella gostar de... "outro"...

O facto é que a moça demonstra nada perder com a sua ausencia, com a falta do seu affecto. A prova é que colloca os seus caprichos acima de tudo.

Portanto, o sr. é um indesejavel, para ella. Está claro. E si isso não é verdade, que espere pelo telephonema della, pelo seu telegramma ou mesmo um simples bilhete, reclamando as pazes e a sua presença. Porque quando a mulher ama devéras, ella sabe, perfeitamente, como deverá agir e proceder. O mais é conversa fiada.

Numa palavra: eu não dobraria a cerviz. Eseperaria por ella...

E o sr. deve ter a coragem de morrer de saudade, — conservando-se de longe — sem se tornar importuno — não indo procural-a — ou, então, tentar a conquista de novo affecto. E' o mais pratico. *Similia similibus curantur*... O veneno se cura com o proprio veneno... Isto é, — para matar um velho amor — novo amor.

Não, sr. *Pedro, o pequeno*... Nisso, ao menos, seja *Pedro*, o *Grande* — com *G* maiusculo...

E bôa noite, porque, no meu relogio, já são 11 horas...

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sòmente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephones: 2-4136 e 2-5456

FON - FON — 6-5-933

Data da consulta..............

Nome da consulente............

....

A "panne" do coração...

— ESTA' tudo muito bem — disse Gabriella. — Já que tens a carteira para dirigir o carro, quando te decidirás a tomar umas licções de mecânica?... Parece-me imprescindivel, isso...

Roberto olhou a esposa, com espanto.

— Julgas que gastei tanto dinheiro para, em caso de *panne*, metter-me em baixo do carro, e sujar-me até os olhos?... Não, querida!

— Mas é isso o que todos fazem...

— Fazem mal. Sempre pensei que, na vida, o supremo ideal é mandar fazer... Os outros que trabalhem.

— Não comprehendo...

— E' muito simples, no emtanto: em caso de *panne*, desceremos do carro, levantaremos a capota e tu fingirás mexer no motor e eu me afastarei...

— Aonde irás?

— Não interessa... O mais perto possivel... O essencial é que ninguem me veja...

— O carro?... Deixar-me-ás só, no meio da rua, com o carro enguiçado?...

— Só... só... Não, filha... Tens a certeza de que te não deixarei só muito tempo.

— Cada vez entendo menos.

Roberto passou a mão na cabeça.

— Julgas que os outros automobilistas passarão ao largo, vendo uma mulher bonita como tu deante de um carro em *panne*? Não! Approximar-se-ão immediatamente para offerecer-te os seus serviços... Comprehendes agora?...

— Comprehendo.

* * *

Sem o menor receio, os jovens esposos lançaram-se a percorrer as estradas com essa febre propria de quem tem o seu primeiro carro.

Roberto fingia ignorar tudo o que não se referisse directamente á conducção do vehiculo. Descia apenas para abastecer o tanque de gazolina e oleo e desenroscar a tampa do radiador.

Os primeiros dias foram encantadores. O carro rodava sereno sobre os pneumaticos, que eram examinados á sahida da garage.

Roberto apenas atropelára algumas aves. Os fiscaes não o incommodavam; os outros conductores cediam-lhe sempre a passagem.

Uma tarde, a ventura teve seu fim. O carro diminuiu a marcha, como que retido por uma força mysteriosa. O motor parou, repentinamente, no meio da estrada!

Roberto abriu a porta,

desceu, accendeu tranquillamente um cigarro; depois, voltando-se para Gabriella, que permanecia immovel, no fundo do assento, disse:

E' a *panne* que esperavamos.

— Ah!! — fez Gabriella.

— Bem — accrescentou Roberto, levantando a capota e olhando com sincera curiosidade as visceras de metal. — Que complicação!... Não sei como ha pessôas capazes de entender isto... Para mim um motor é tão mysterioso como um apparelho de radio.

Depois, em tom autoritario:

— Já estamos de accôrdo... Deixo-te só... Verificarás o motor... emquanto vou fumar este cigarro... Alli está uma moita feita especialmente para mim... Até logo...

E sahiu tranquillamente.

* * *

Gabriella tirou as luvas. Os olhos fixos nos mysteriosos orgãos de aço, como deante de um problema sem solução, a linda creatura não podia deixar de julgar com severidade a commoda attitude do esposo.

— E' um egoista!... Um homem sem escrupulos!...

Lembrou-se dos seus trez annos de casada.

Via a ociosa e vazia existencia do homem com quem partilhára trez annos de sua vida e murmurou:

— Não faz nada... Não se interessa por coisa alguma... Não gosta de ninguem... Só se preoccupa comsigo mesmo.

Reflectiu alguns minutos. Uma lagrima humedeceu-lhe os olhos.

— Não... Si me amasse, não me deixaria assim, no meio da estrada, ao sol, esperando que um homem venha me tirar do apuro.

Devia agradecer o auxilio?... O desconhecido suspeitaria da farça?... E si passasse ao largo, sem parar?...

Como um toque de buzina annunciasse a approximação de um automovel, Gabriella inclinou-se, com o coração agitado, sobre o motor desarranjado...

Quando julgou que já era tempo, Roberto voltou para junto de seu carro, que encontrou parado, no mesmo logar.

E gritou:

— Gabriella!... Gabriella!...

Como não recebesse resposta:

— E' bem capaz de estar sentada no estribo... Si é dessa maneira que pensa me ajudar... Como?!... Não a vejo... Onde se teria mettido?...

Presa por um alfinete na capa de panno azul, uma folha rarancada de um livro de notas chamou sua attenção:

— Que significa isto?

"Senhor.

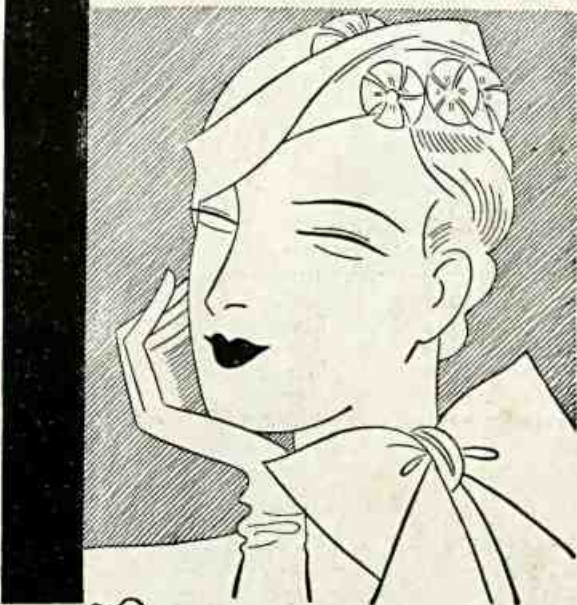
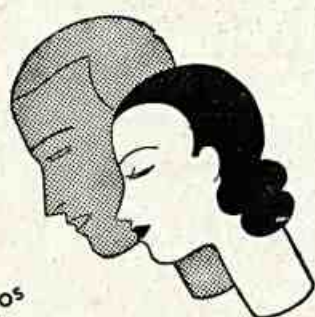
Acabo de encontrar, na estrada, um carro e um coração em "panne".

A escolha não me foi difficil: Deixo-lhe o carro... Quanto ao coração, não se afflija... Far-lhe-ei as reparações necessarias.

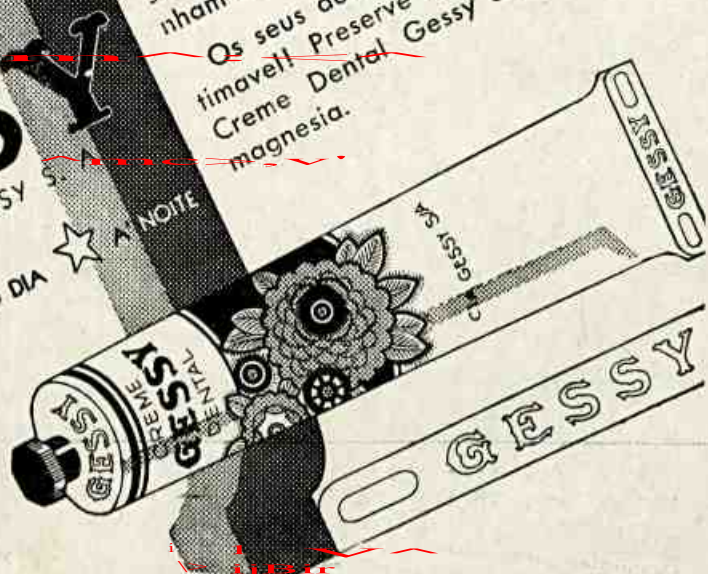
E' um coração de bôa marca, um coração quasi novo... Não me custará muito, eu creio, pôl-o em excellentes condições de marcha.

Agradecendo,

Um homem qualquer."

ALBERT JEAN

CONSERVE
O QUE A NATUREZA LHE DEU!
A natureza deu-lhe dentes perfeitos ou quasi. Conserve-os assim ou melhore-os. Nunca permitta que, pela incuria, seja destruido esse dom inestimavel!
Visite o seu dentista duas vezes por anno e escove os dentes tres vezes ao dia, com o Creme Dental Gessy.
O Creme Dental Gessy alveja os dentes e augmenta o brilho e o vigor do esmalte. Evita o tartaro, graças á sua formula anti-acida, em que entra o leite de magnesia. Desinfecta o meio buccal, sem prejudicar as defesas naturaes da mucosa. Neutraliza a acção deleteria dos residuos alimentares, mesmo daquelles que não podem ser removidos pela escova. E corrige o mau halito sempre que as suas causas não provenham do estomago ou das fossas nasaes.
Os seus dentes são um thesouro inestimavel! Preserve esse thesouro! Use o Creme Dental Gessy contendo leite de magnesia.
CREME DENTAL
GESSY
PRODUCTO DA CIA. GESSY S. A.
DE MANHÃ
AO MEIO DIA
Á NOITE
CREME DENTAL GESSY
GESSY

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 18

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 6 de Maio de 1933

NEL MEZZO DEL CAMIN...

MINHA VIDA!...

E tu eras bem toda a expressão e o sentido todo da minha vida... Por que eu era um homem que vinha palmilhando os caminhos invios e aridos da Vida, já de olhos vendados á illusão das suas miragens feitiças, de ouvidos cerrados á fascinação das suas palavras de amor e de alma e coração fechados ao clamor surdo e profundo dos anseios e dos desejos que ella derrama mundo afóra... Eu era, assim, um homem que já não vivia sinão da amargura dos sonhos que sonhou e nunca realizou...

Mas eu ainda não tinha soffrido a provação das provações — a revelação extrema e ultima da Vida através da felicidade que, um dia, se encontra para logo depois se perder!

Foi preciso que eu te conhecesse e amasse para sorver na quente doçura de teus labios o calice dessa extrema Amargura...

O destino, porem, assim o quiz e *crucificou* na suave compressão dos teus braços macios o ultimo sonho de felicidade de que fiz o sentido e a expressão ultimas da minha vida.

E foi preciso que eu te amasse... E foi preciso que eu te perdesse para comprehender e sentir que a propria felicidade é, tambem, na vida, uma expressão de dor, uma inquietação de soffrimento, mesmo quando realizada pelo amor, pelo milagre do amor... Porque todo grande, immenso amor é condicionado pela dor e pelo soffrimento. E, quando nos encontrámos, quando as nossas pobres vidas se defrontaram na estrada mysteriosa do Destino, já nem tu nem eu eramos creanças: eu, começava a rolar o outro lado da montanha da Vida, trazendo no coração a angustia de muitas desillusões, e, tu, meu amor, mal disfarçavas no encanto e no deslumbramento da floração outomnal que emoldurava teu pequenino ser sorridente, a amargura das decepções que inquietavam tua alma e teu coração de mulher sempre creança.

O Destino, porem, nos poz um deante do outro... E os meus olhos verdes, marejados de angustia, colheram nos teus, inquietos e negros, o raio de luz de mais uma esperança, o illuminado aceno de um novo anseio de felicidade numa suave promessa de consolação. Porque a felicidade, minha filha — a unica felicidade real, verdadeira — é a que dá a medida de consolação a duas vidas, provadas pelo soffrimento, e que, um dia, se encontraram e amaram.

Mas, tu não me comprehendeste, não quizeste comprehender que eras a Luz de uma nova fé, o evangelho de um culto interior que, bem dentro de mim, no silencio de meu coração, eu rezava todos os dias á pequenina figurinha de mulher que era a Nossa Senhora da minha Consolação na terra.

Nem por isso, porem, eu deixarei de querer-te. Sei que soffres tambem, que te fazem soffrer separando-nos, separando-te de mim, quando eu mais precisava do teu amor e da tua consolação.

E, *nel mezzo del camin*, marcando o encontro e a separação de nossas vidas, só a profunda angustia da saudade, da torturante e immensa saudade daquella que eu santifiquei no sacrario do meu coração...

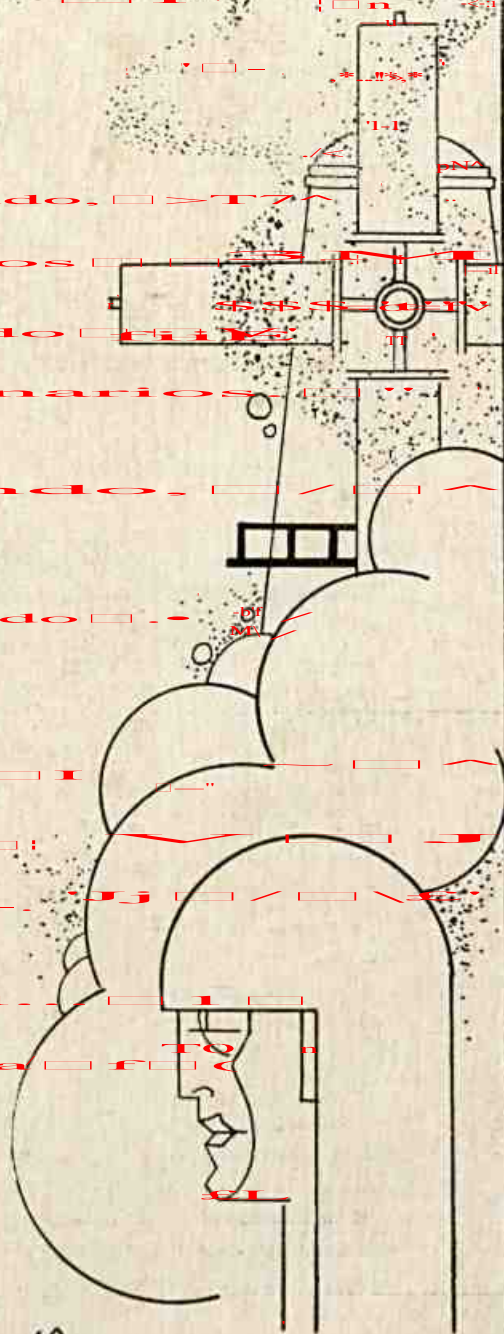
ELCIAS LOPES

Cavalleiro

Ao amôr toda a vida consagrando,
Fiz-me por vós, Senhora, dentre varios
Cavalleiro extremado, pelejando
Contra moinhos de vento imaginarios.

Armado da bravura de Rolando,
Por montes e por valles solitarios
Andei Honra e Belleza celebrando
Com o vigor dos mais santos missionarios.

Agora, vejo que foi tudo em vão...
Volto sem um laurel, sem uma gloria,
A alma ferida, rôto o coração.

Venci, lutando como Parsifal,
E consegui apenas ser memoria
Do Opprobrio e da Tristeza universal.

Severino Silva

O VIOLINO QUE MORREU...

VILMA fechou a revista, que lia, no terraço, ao lado do escriptor. Justamente, nesse instante, morriam, perto, por entre a folhagem do jardim, as ultimas phrases da "Rêverie", de Schumann.

O luar. O silencio. O perfume das rosas. A melancolia das horas.

Vilma fitou os olhos de Marcos.

— Como, doutor? Então, está chorando?

— Eu? — espantou-se o moço. Eu não chóro nunca!

Vilma deu uma risada feliz:

— Que graça! Pois que é isso, então? Os olhos cheios d'agua... E diz ainda que não chóra? E' mentir sem controle...

Marcos Villar disfarçou:

— Ah! Mas não confunda chôro com sensibilidade... Estou mas é emocionado. Foi a "Rêverie", de Schumann. Lembrei-me de um violino, que morreu...

— De um violino que morreu? E' curioso! Conte-me a historia desse violino esquisito...

— Para que? — fez Marcos, com um gesto de indifferença. Para que?

— Simples curiosidade.

O escriptor reflectiu. Não. Era triste recordar coisas irremediaveis. Não valia a pena. Vilma, porém, insistiu. Ella fazia questão. Estava interessada em conhecer essa historia bizarra.

— Bizarra? Pois não tem nada de bizarra... Foi um romance que passou. Foi apenas mais um romance na vida de um modesto escriptor.

— Ora! Por isso mesmo é que deve ser muito interessante.

E como saboreando a phrase:

— A historia de um violino que morreu!... Vamos! Conte, dr. Villar.

Villar narrou-lhe, então, todos os capitulos daquelle romance lindo, mas triste.

Ophelia do Nascimento, a festejada pianista patricia, acaba de regressar da Argentina, onde realizou uma série de audições, com extraordinario êxito. Ophelia do Nascimento é, sem duvida, um dos nossos mais assignalados valôres artisticos. A temporada que realizou em Buenos-Aires representa um legitimo triumpho para a cultura musical do nosso paiz, onde Ophelia é admirada com rara unanimidade e vivo enthusiasmo. Ella irá, de novo, a Buenos-Aires, realizar, em junho proximo, uma série de concertos — que lhe accrescerão, de certo, os louros já obtidos na Republica vizinha.

Um nome de mulher: Sonia. Slava? Latina? Pouco importava saber. Era uma artista. E as artistas nunca tinham patria. Sonia possuia um violino que, desde o conhecimento de ambos,— Marcos e Sonia — entre as estatuas brancas de um jardim, se tornára a preoccupação máxima do rapaz. Amando a musica, e adorando Sonia, elle vivia impaciente pelo dia em que a artista lhe désse uma audição, cheia da sua alma e da sua arte. Ella promettêra que sim. Durante um mez, Marcos sonhára com esse bello momento de arte e esthesia. O romance corria, pari passu, com esse desejo ingenuo e fantasista. "Ouvir um violino para poder chorar pela mulher amada...:" — disséra elle certa vez, — menos para fazer uma phrase do que para exprimir um desejo sincero.

— E depois?—indagou Vilma, com impaciencia. Deu o recital?

— Não!

— E' esquisito!

— E' lamentavel!

E completou:

— Sonia era uma creatura como as outras. Aquella excelsitude, que eu lhe emprestára, não passou de um erro da minha parte. No fundo, ella era apenas uma mulher. Uma mulher cheia de caprichos e calculos. Como a maioria. Nada de sonho. Tudo nella era realidade. E, assim, uma noite, depois de certos impetos de alma e algumas effusões carinhosas...

— Carinhosas?

— Ou simplesmente hypócritas... Mas, certa noite, rompemos, inesperadamente...

— Você, doutor?

— Não. Ella. Foi ella quem propoz o rompimento...

Vilma fez apenas:

— Ah!...

E Marcos, proseguindo:

— Para mim, esse rompimento foi um violino que morreu. Antes de cantar... Foi como si as suas cordas se partissem...

E commentou:

— Uma mulher que se perde... Quatro cordas que se partem... E quatro soluços que ficam dentro da minha alma...

Yvks

A UNICA ESMOLA

QUANDO eu me concentro na recordação desses dias que já se foram e me lembro de você, das nossas relações, todo o meu pensamento é de uma profunda, immensa gratidão. Gratidão pela esmola bôa e farta que suas mãos deixaram cahir em minha vida...

Quando você chegou — parece que foi ha tanto tempo! — os annos já haviam cavado entre nós uma differença sensivel. Eu estava na idade em que o homem tem a plena posse de si mesmo, quando começa a olhar para a mocidade como para uma coisa distante e que passou depressa; tinha soffrido muito e guardava da vida, para a qual olhava com scepticismo, uma impressão de muita mágoa e de muito resentimento. Lembra-me bem que eu tentava então refazer, com cautela e paciencia, o edificio derrocado que fôra do meu futuro e dos meus sonhos e que era, naquella occasião, as ruinas de um passado recente, cheio de desillusões e de fracassos. Você, muito ao contrario, era uma criança, uma menina cujas mãos deviam guardar ainda a lembrança das bonecas que pouco antes haviam acalentado. Seus olhos, grandes e escuros, ainda não tinham chorado, e seus labios nem saberiam pronunciar as seis syllabas da infelicidade.

Como foi que nos encontrámos? Parece-me que nem sei mais! Tambem, que importa a duas folhas saber de onde soprou o vento que as uniu no mesmo torvelinho? Sei apenas que você foi uma pincelada clara no quadro de côres negras de minha vida. Para você eu devo ter sido — quem sabe? — um espectaculo curioso, pois que deve ser curioso, para os felizes, um homem que soffreu e que é triste...

Sei, porém, que você ficou, que se deteve um instante ao meu lado e, sem o querer, sem o saber, me ajudou. Emquanto eu falava, respondendo ás suas perguntas curiosas ou contando-lhe coisas que aprendi com a maldade do mundo, seus grandes olhos me fitavam admirados e as suas mãosinhas, instinctivamente, involuntariamente, iam-me ajudando a erguer de novo o edificio das minhas illusões, ha tanto tempo jogado por terra. E as paredes subiam, mais rapidas e mais firmes...

Fomos dois bons amigos; nada mais do que isso. E que outra coisa poderiamos ser, separados como estavamos pelos annos, pelas esperanças, pela maneira de encarar a vida, por uma barreira de convenções e de impossibilidade? Depois, ainda que esses impossiveis não existissem, eu jamais acceitaria dei-la ao meu lado, só para que a minha revoltante tristeza não a envolvesse tambem. Seria um crime roubar ao seu rosto essa alegria tranquilla que tão bem o reveste!

Mas, como amigos, quanto bem não roubámos á vida, para mim! Andámos lado a lado, tantas vezes, esquecidos de tudo... Lembro-me de cada uma dessas vezes, como me lembro de cada um dos incidentes que as cercaram, como me lembro até dos seus vestidos. Era tão lindo aquelle vestido estampado de pequeninas flôres azues, que lhe emprestava um ar simples de roceira bonita, com o rosto moreno protegido pelo chapéo de palha de abas largas... Quem nos visse, numa dessas vezes, distrahidos em uma conversa que toda gente poderia ouvir, diria que eramos namorados; mas só meu espirito sabia que eu era um enfermo cujo restabelecimento você ia conseguindo, dedicada e inconscientemente.

A sua alma não sabia, como não sabe até hoje, a felicidade que andou me dando. Mas eu, que senti o renascer de illusões que já estavam crestadas e murchas; que recebi novo calor para as minhas esperanças; que ganhei novas forças e novo enthusiasmo para a vida, eu sei. E por isso é que, quando me concentro na recordação desses dias passados, e penso em você, que nem sei onde estará agora, o meu pensamento é de profunda, de immensa gratidão, pela esmola — a unica que meu orgulho acceitou da vida — que sobre mim derramaram as suas mãos de criança, mãos que admirei sem tocar.

E eu hei de ter sempre, para a sua lembrança, que é a lembrança de todos esses dias que já se foram, um eterno agradecimento...

A data do 59.° anniversario da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro foi commemorada, na ultima semana, com uma brilhante cerimonia, em que collaram gráo os novos engenheiros geographos, seguida da inauguração dos vários melhoramentos que acabam de ampliar as installações daquella casa de ensino. Houve, ainda, uma sessão solenne em homenagem ao dr. Paulo de Frontin, grande engenheiro e antigo director da Escola Polytechnica.

UM TANGO-CANÇÃO DE PAULO GUSTAVO

O fascinante poeta de «Divina Amargura» acaba de offerecer aos seus admiradores de todo o Brasil mais uma producção litero-musical, que a Casa Carlos Wehrs editou, e está alcançando o maior successo nos nossos salões. «Minha ventura sempre foi você!» — tal é o titulo romântico e expressivo do tango-canção que Paulo Gustavo escreveu e musicou, e que tem em Jorge Fernandes um intérprete insuperável.

O embaixador K. Hayashi, do Japão, offereceu, no ultimo sabbado, na séde da embaixada nippónica, uma recepção para commemorar o anniversario natalicio do imperador Hiroito, sendo, por esse motivo, cumprimentado pelas figuras mais destacadas da sociedade japoneza desta capital.

INQUIETAÇÃO

MEU amor, lá fóra a vida sorri, feliz, contente de ser. O beijo illuminado do sol commove as entranhas fecundas da terra e faz florirem os rosaes. Pipios de amor enchem de volupia os ninhos quentes. E azas de passaros em revôo riscam no espaço infinito palpitações vadias de alegria e de festa.

Ergo os olhos para o céo e o céo tambem desflora o generoso sorriso azul da sua limpida e quieta serenidade. Mas, a angustia da minha retina, distendida para o céo illuminado, busca, mais além, a paz e a consolação e a alegria que não encontrei na terra.

Porque eu estou triste, profunda, intensamente triste e inquieto, neste momento em que tudo, em derredor de mim, é serenidade, é doçura, é quietude, é paz e é amor...

E penso em você. E penso na nossa pobre vida tão duramente provada pelo soffrimento...

E tanto evoco sua figurinha mignonne, tanto a chamam e lhe gritam o nome adorado as vozes mais intimas do meu coração, que você, meu amor, logo se materializa na afflicção da minha saudade e a sinto, agora, juntinho, bem juntinho de mim.

Estamos num banco, naquelle recanto verde de praia, relvado e florido, onde, um dia, nos conhecemos e amámos.

Sua mãosinha macia tenho-a entre as minhas, quentes de carinho. A esmeralda commovida de meus olhos namora enternecidamente o diamante negro dos seus. E sua cabecinha inquieta, num gesto de aza que se curva para o beijo ardente do sol, de vez em vez procura o amparo do meu hombro para o aconchego da minha caricia. Em seus labios nervosos florescem e palpitam beijos e todo o seu pequenino ser estilla e difunde em torno de mim a fragrancia subtil e morna de volupia que envolve o encanto e o deslumbramento de uma floração de primavera.

— Meu amor! Minha adorada! Mas o meu beijo apenas encontrou o vacuo da minha solidão. Sua figurinha de sonho e de illusão desapparecera, desfazendo-se como uma miragem e deixando-me no doloroso desencanto da minha suave e abençoada allucinação.

Você estava tão longe, tão longe de mim, longe pela distancia e, tambem, pelo coração. Porque você, lá, no outro lado da bahia, talvez nem se lembrasse do abandono em que me deixára. E nem pensasse que o meu pensamento estava juntinho de você, adorando-a, acariciando-a. O meu pensamento, a minha saudade, a minha tristeza...

Então, meu amor, então não pude mais dominar a minha angustia, a minha dolorosa amargura.

E pedi a Nossa Senhora, lá do céo azul e sereno, que consolasse minha angustiada alma e meu pobre coração cheio de soffrimento, já que de todo me abandonara a que eu amava e adorava aqui na terra... — E.

O dr. Arnaldo de Moraes é um grande nome da medicina brasileira. Gynecologista eminente, e profundo conhecedor da especialidade a que se vem dedicando, seu prestigio scientifico projecta e faz avultar, de maneira expressiva, em todos os centros da cultura nacional, sua destacada e illustre individualidade. Além do mais, o notável patricio allia, a esses altos predicados intellectuaes, os mais nobres sentimentos de benemerência e philanthropia, realçando assim seus méritos de abnegação profissional e suas excelsas qualidades de coração. O dr. Arnaldo de Moraes, que é docente de clinica obstétrica da Universidade do Rio de Janeiro e professor da Faculdade Fluminense de Medicina, acaba de publicar uma obra por todos os titulos valiosa, e que vem documentar ainda mais os fulgores do espirito desse conceituado medico. «Aspectos actuaes da pathologia do recem-nascido» — assim se intitula o livro do dr. Arnaldo de Moraes, que apparece na «Bibliotheca de Cultura Scientifica», dirigida pelo professor Afranio Peixoto.

A BÔA SEARA

AFFONSO VARZEA é um dos espiritos robustos e fortes da actual geração intellectual brasileira. Robusto pelo vigor da sua primorosa mentalidade; Forte pelo desassombro das suas idéas e convicções. O Estado Socialista do Pacifico — seu ultimo livro — define bem o homem e o escriptor. Espirito combativo, intelligencia dynamica, o autor dessa obra interessantissima, de doutrinamento socialista, é um batalhador á antiga para quem a bôa batalha é a do evangelho politico-social que vem pregando. Uma dedicatoria e uma legenda dizem bastante dos objectivos que se consubstanciam nas paginas de O Estado Socialista do Pacifico. Eil-as:

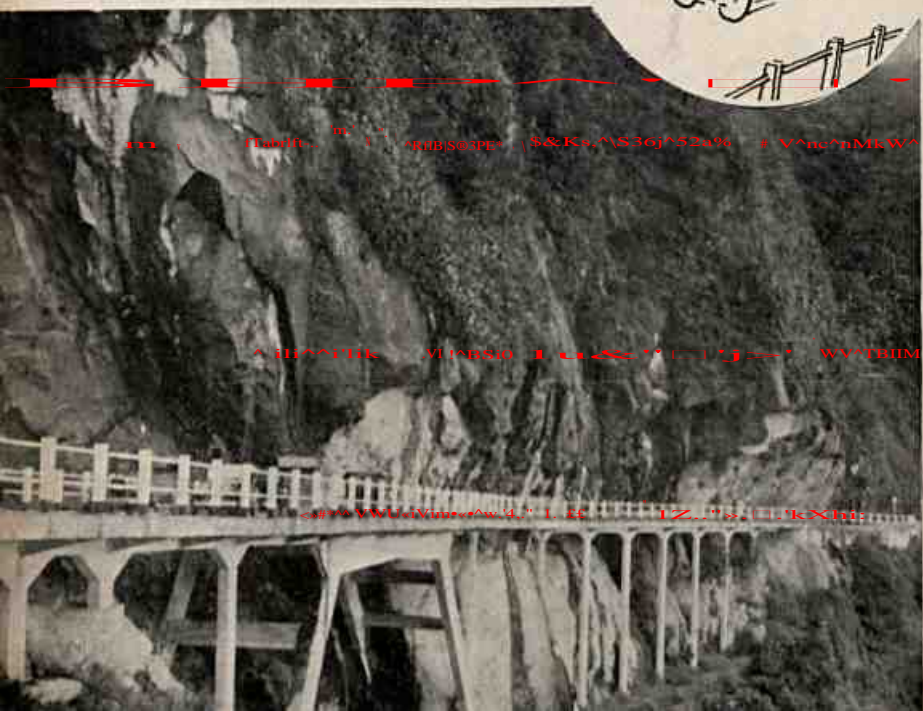
(Conclue na pag. 35)

★ a MULHER CHIC

CREAÇÕES JEAN PATOU

robe de satin imprimé de couleurs vives,
manteau de velours marine.

FATALIDADE

O dr. Getulio Vargas, chefe do governo provisorio, e sua exma. esposa. E dois aspectos do local onde se deu o lamentavel desastre da estrada Rio-Petropolis.

DOLOROSO, sob todos os aspectos, foi o desastre de que resultou sahirem feridos o dr. Getulio Vargas, chefe do governo provisorio e sua exma. esposa, d. Darcy Sarmanho Vargas, e morto o desditoso official de marinha, capitão-tenente Celso Pestana, ajudante de ordens de s. exc. Os jornaes já noticiaram amplamente o triste acontecimento. Um bloco de pedra, desabando de uma barreira, na estrada Rio-Petropolis, cahiu em cheio sobre o automovel presidencial, attingindo o commandante Pestana, que teve morte instantanea, e produzindo graves ferimentos nas pessoas do illustre casal. O impressionante facto, não só pela sua extensão, mas tambem, por se tratar de tão eminentes figuras, causou, como era natural, a maior inquietação e o mais fundo pesar á população brasileira, felizmente, já agora mais tranquillizada pelo estado de franco restabelecimento das victimas, e tendo-se apenas a lamentar o tragico desapparecimento do capitão-tenente Celso Pestana, que a fatalidade colheu em plena e radiante mocidade.

CAPITÃO-TENENTE CELSO PESTANA

Os funeraes do capitão-tenente Celso Pestana, que perdeu a vida no desastre da estrada Rio-Petropolis, realizaram-se na tarde de quarta-feira penultima, sahindo o feretro do Arsenal de Marinha, onde esteve exposto, em camara ardente, o corpo do mallogrado official da nossa Marinha de Guerra, velado até a hora do enterro por companheiros de armas e amigos. Os ministros da Marinha e da Guerra, os representantes das altas autoridades da Republica, e grande numero de militares acompanharam até o cemiterio de S. Francisco Xavier os restos mortaes do capitão-tenente Celso Pestana, cujo tragico passamento causou geral consternação nesta capital, onde era muito estimado o joven ajudante de ordens do chefe do governo provisorio. O «clichê» desta pagina focaliza dois aspectos do sahimento funebre, e um da camara ardente armada numa das salas do Arsenal de Marinha. Segurando nas alças do caixão, vêem-se, entre outras pessôas gradas, o almirante Protogenes Guimarães, ministro da Marinha, e o general Espirito Santo Cardoso, ministro da Guerra.

Caverna de Ali Babá

Miranda Júnior, artista laureado pela Escola Nacional de Bellas Artes, acaba de conquistar, em brilhante prélio, o premio de viagem á Europa, que lhe facilitará o conhecimento pessoal dos grandes mestres de pintura contemporanea e os centros de cultura tão necessários ao aperfeiçoamento das legitimas expressões de arte. Miranda Júnior é um pintor moço, cujos trabalhos já têm figurado em varias exposições desta capital e do Paraná.

PEQUENOS PANORAMAS DA CRISE ACTUAL

"Nos Estados Unidos, os ocios do operario devem servir como meio para elle consumir o que fabrica. Exigem-se delle duas tarefas: produzir e destruir. Depois de ter terminado o automovel e recebido sua paga, deve passar pelo vendedor, arranjar-se de modo a possuir seu carro, ir ao campo, rodar o mais possivel afim de usar o vehiculo e substituil-o. Porque deve acelerar seu trabalho para que a producção seja de mil carros por dia. Si os não usar, não os fabricará mais, ficará sem trabalho, deixará de ser freguez, não pagará o que lhe deram fiado e que a fabrica espera receber para manter o salario."

E' este o panorama que Pierre Hamp nos mostra da America de hoje na sua formidavel obra Le supplice de l'abondance.

* * *

No seu livro Querelles de famille, *Georges Duhamel mostra como o material mecanico do mundo de hoje se transforma da noite para o dia nesta curiosa observação:*

"Honrado industrial, por que essa phisionomia aprehensiva? Você acaba de comprar as mais bellas machinas do mundo. Sei que, para as instalar, teve de, em parte, demolir e reconstruir as paredes de sua fabrica. Despesa proveitosa. Vantajosa collocação de capital. Então, por que essa cara inquieta? E' que você sabe perfeitamente que, quando a ultima dessas bellas machinas estiver no seu lugar e prompta ao funccionamento, todas ellas se terão tornado, bruscamente, machinas fóra de moda, porque se acabou de descobrir a machina mirabolante que fará caducar todas as outras e será, antes de seis mezes, a unica machina decentemente utilisavel."

* * *

Eis as palavras de André Maurois, no L'Amérique inattendue *sobre o que vae pelo mundo: "Ford pensa que é a deshonestidade a causa da crise. Para saber se tem ou não razão, seria talvez necessario estudar do modo mais preciso as noções de honestidade ou deshonestidade nos negocios. O homem da rua que compra ou vende valores super-cotados, não se julga deshonesto. Se Henri Ford não está de accôrdo com elle, é provavel que nenhum dos dois reconhece as mesmas convenções moraes. O que desejo mostrar é: a) Que Ford tem razão, porque as convenções acceitas pela maioria dos homens no tempo em que a economia mundial era infinitemente mais simples do que agora, não são mais adaptadas ao complexo mechanismo das transacções modernas. b) Que seria, pois, importante rever nossas convenções sobre a honestidade e a deshonestidade em negocios, porque a crise de agora, que é tambem moral, engendrou no homem médio perigosos sentimentos de desconfiança e desespero."*

O dr. Olavo Marquez, medico e intellectual mineiro, figura brilhante de sua geração, acaba de ser distinguido, pelo interventor Ary Parreiras, com a nomeação de medico-assistente do Hospital de Vargem Alegre, onde muito se póde esperar da integridade profissional e do coração do joven scientista.

A festejada cantora Maria Bori, cuja voz tem interpretado, com expressão e sentimento, nas nossas estações de radio, as mais bellas creações musicaes brasileiras e argentinas. Maria Bori é uma artista joven, com um brilhante futuro cortejando-lhe a intelligencia e a graça pessoal.

* * *

Um pensamento de Martin Maurice, no Heureux ceux qui [illegible] *falem, a proposito dos especuladores modernos: "Os tubarões também podem morrer de indigestão".*

Sésamo

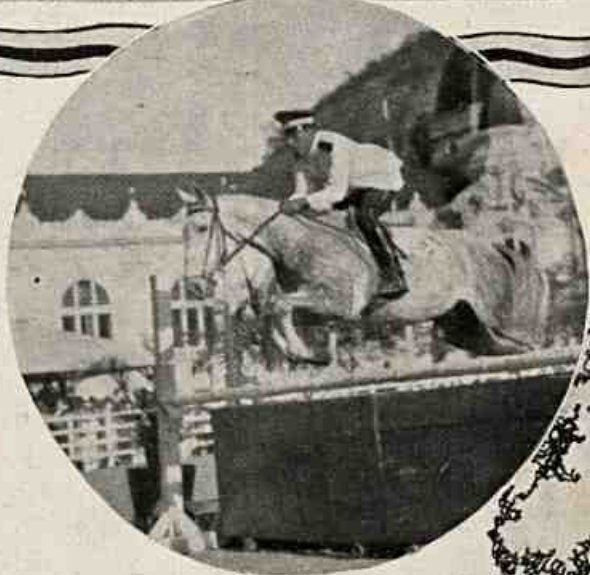
As Noivas

No alto: Senhorita Dinah Moraes Barros, cujo enlace com o sr. Renato Silveira da Motta constituiu uma nota de repercussão na sociedade paulistana.

Ao centro: Senhorita Maria Bernardette Teixeira de Carvalho, que se casou em São Paulo com o dr. Diogenes A. Certain, ao lado de sua irmã Paulina, «demoiselle d'honneur» na cerimonia.

Em baixo: Senhorita Geny Helena da Silva, cujo enlace com o dr. Henrique Carlos Rocha tambem se realizou na capital paulistana.

(Photos Cerri — S. Paulo)

Concurso Hippico

Nas pistas do Centro Hippico Brasileiro, á praia Vermelha, realizaram-se, domingo passado, brilhantes e sensacionaes provas, em que tomaram parte as mais prestigiosas figuras do hippismo carioca, representantes de todas as sociedades e corporações militares que cultivam, entre nós, o nobre sport equestre. O Centro Hippico Brasileiro organizou, para o torneio de domingo, um programma em que sobresahiram empolgantes corridas de obstáculos, com a apresentação de lances verdadeiramente arrojados. Esta pagina de FON - FON focaliza os mais interessantes aspectos da grande competição hippica.

Sorrindo....

AS JOIAS DA ACTRIZ

ADÉLIA MIRANDA é uma joven actriz de comédia, que julga ter algum espirito e possue, em sua linda vivenda do Grajahú, varias joias de certo valor, presentes inesperados e esperados de outros tantos admiradores daquella fulgurante mulher.

No mez passado, Adélia teve que ausentar-se, por alguns dias, desta capital, afim de visitar sua velha mãe, no interior do Estado do Rio, e lembrou-se de fazer espirito com o ladrão que porventura penetrasse em sua casa, emquanto ella estivesse fóra. Dando férias á criada, a formosa comediante guardou, cuidadosamente, em um armario de madeira, todas as joias que pudessem tentar os amigos do alheio, e, do lado de fóra do movel, collocou um cartão branco, no qual escreveu as seguintes palavras:

"Estas joias não são legitimas. Estão aqui apenas substituindo as que se encontram na caixa forte do banco."

Suppunha a fascinante actriz evitar assim o roubo de seus preciosos adornos, pois o ladrão, lendo o cartão, acharia graça e não iria ter o trabalho de abrir o armario.

E Adélia Miranda partiu para a sua viagem de alguns dias, confiante no êxito do seu espirito.

Quando regressou á vivenda do Grajahú, a primeira lembrança que teve foi correr ao armario de madeira que guardava suas valiosas joias.

Ficou, porém, desolada. O movel estava fechado e ainda conservava, do lado de fóra, o mesmo cartão branco que ella ali deixára. Mas, ao abril-o, notou a falta das joias. E, por baixo da recommendação que Adélia escrevêra, havia mais algumas linhas, assignadas por um desconhecido, e que diziam, textualmente, isto:

"O ladrão que esteve aqui não é o verdadeiro. Está substituindo o outro, que foi apanhado pela policia. Por isso, não se incommoda que as joias sejam falsas..."

M. C.

• • •

EDUARDO não tem sido feliz no Rio de Janeiro. E anda seriamente acabrunhado, ostentando uma physionomia de vencido.

Ha dias, encontrando o seu amigo Ernesto, communicou-lhe, depois de varias queixas contra o destino:

— Dentro de duas semanas deixarei a terra.

O amigo de Eduardo espantou-se, como era natural, com aquella confidencia. E interrogou, alarmado.

— Vaes te suicidar?

— Não. Vou embarcar...

•

NO escriptorio de uma casa commercial, depois que o patrão contou uma anecdota, todos os empregados abriram o queixo numa sonora gargalhada commercial. Apenas um se conservou sizudo impassivel, e com a attenção voltada para o seu trabalho.

Então, o companheiro ao lado o advertiu, em voz baixa:

— Você não ri? O patrão póde zangar-se...

— Não preciso achar graça — respondeu o outro: — no sabbado vou deixar a casa.

•

— QUANDO pretendes realizar teu primeiro vôo de avião?

— Só depois que fôr derrotada a lei da gravidade...

•

ELLE. — Gosto sempre de passear com as pessôas que me querem.

Ella. — E não se aborrece de andar só?

•

NO restaurante, o freguez que habitualmente se servia com o garçon mais moço estranhou que outro, e precisamente o mais velho, o estivesse substituindo. Indagou, então, do empregado:

— Não está mais na casa o garçon que costuma servir-me?

— Está, sim, senhor. Mas hontem á noite, depois de ganhar-lhe, no póker, todo o dinheiro, acabei ganhando-lhe tambem os freguezes...

•

— TIVESTE alguma surpresa nos presentes que ganhaste no dia de teus annos?

— Sim. Tive uma: a mulher de Carlos deu-me uma cigarreira que eu tinha offerecido ao marido, o anno passado...

•

UMA senhora quarentona, que tomava parte num banquete, sentada ao lado de um cavalheiro, alta personalidade da politica dominante, querendo saber si ella, ou uma prima, era preferida pelo mesmo cavalheiro, usou de um truc: perguntou ao seu vizinho de mesa:

— Si eu e minha prima cahissemos ao mar, e estivessemos na imminencia de morrer afogadas, a quem o senhor salvaria primeiro?

— Ah! Eu sei que a senhora nada muito bem! — respondeu, tranquillamente, o cavalheiro.

•

O chefe de secção de uma repartição publica surprehendeu um funccionario dormindo como um justo debruçado á sua mesa de trabalho. Despertou-o com violencia, exclamando:

— Mas, que é isso, seu Pimenta? Dormindo durante o expediente?!...

— Desculpe, seu chefe. E' que meu garoto não me deixou dormir a noite inteira.

— Então — tornou o chefe, — o amigo vae fazer-me um grande serviço trazendo-me o pequeno, amanhã, para a repartição...

•

DOIS gatunos conversando:

— Para que compraste este jornal de modas?

— Para saber onde as mulheres estão usando os bolsos... e não trabalhar ás cegas.

AS ELEIÇÕES NA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

Offerecemos aqui dois flagrantes do animado pleito que sabbado ultimo se feriu na Associação Brasileira de Imprensa, para renovação do terço de seu Conselho Deliberativo e escolha do Conselho Fiscal. Realizadas sob a presidencia do nosso illustre confrade Arthur Marques, as eleições na A. B. I. decorreram com o interesse de sempre, sendo reeleitos os jornalistas cujo mandato terminaria agora.

O Comité de Imprensa do Touring Club do Brasil reuniu-se na penultima sexta-feira, sob a presidencia do dr. Herbert Moses, para ouvir a exposição do dr. Mario Domingues a respeito do «Guia do Rio de Janeiro», que esse nosso brilhante confrade acaba de organizar com o jornalista Sebastião Fonseca. Terminada a exposição de Mario Domingues, procedeu-se á eleição do jornalista que deverá escrever uma chronica literaria para o «Guia do Rio de Janeiro». Os membros do Comité de Imprensa do Touring Club escolheram o nosso companheiro Martins Capistrano. O «cliché» acima focaliza um grupo dos jornalistas presentes áquella reunião.

Festejando o décimo anniversario de sua formatura, os engenheiros civis de 1922 da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro mandaram celebrar, na manhã de sabbado ultimo, missa em acção de graças, na igreja da Candelaria, e reuniram-se á noite num jantar de confraternização, que se realizou no salão de inverno do Automovel Club do Brasil.

Minha alma está ardendo

A LEÃO DE VASCONCELLOS — CRIADOR IMMORTAL DE "TATUAGENS SENTIMENTAES"

Minha alma está ardendo ao calor da Saudade...
Deixa que ella se abrigue á sombra dos teus olhos
e repouse, cansada da viagem,
no leito alvo dos teus pensamentos...

Deixa que ella se cubra com os teus sonhos,
após beber as tuas illusões...

E quando ella acordar, cheia de vida,
prompta para proseguir na sua jornada,
á procura de alguem que não encontrará,
ó, não a deixes partir! A viagem é tão longa!
Manda que ella espere,
que o Amôr, algum dia, virá ao seu encontro
para morar, tambem, á sombra dos teus olhos...

Max Monteiro

O conhecido hygienista dr. Renato Kehl, que acaba de ser eleito membro effectivo da Academia Nacional de Medicina, foi alli recebido na penultima quinta-feira. O «clichê» mostra o novo academico ao lado do professor Miguel Couto, presidente daquella instituição scientifica, e entre os collegas que compareceram á solemnidade de sua posse.

ALTO FALANTE

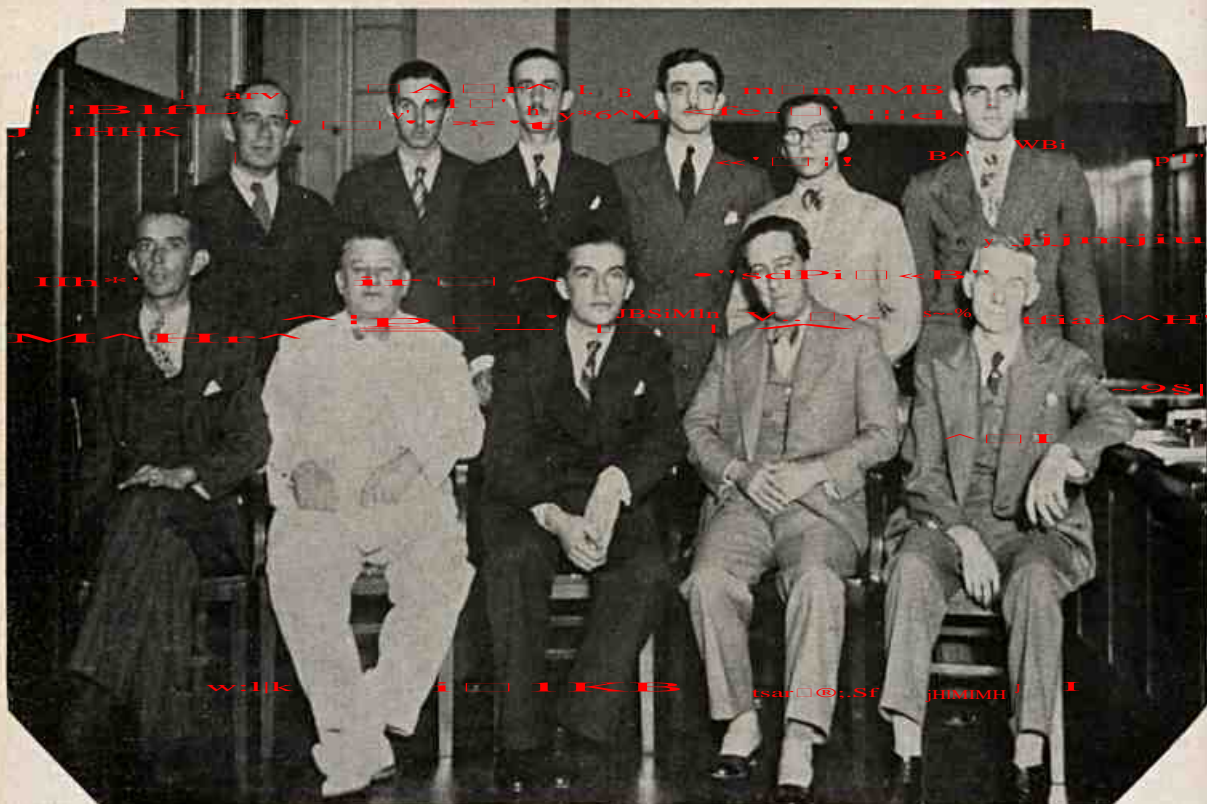
(CONCLUSÃO)

"Aos pobres, a lembrança do mundo que não tinha ricos." "Ser socialista na America do Sul, mesmo extremado, não constitue adhecismo á doutrina exotica. Bem pelo contrario. E' seguir uma tradição de sete seculos."

E Affonso Varzea, estudando a organização de antiga população do nosso continente, affirma Que, muito antes de Pedro Alvares Cabral, no remoto seculo XII, "florescia na America do Sul um Estado socialista de mais de tres milhões de kilometros quadrados por dez milhões de habitantes." Era o paiz de Tahuantinsuyú — ou Quatro Nações — como chamavam os seus habitantes, cujo mundo "se diluia na região central do Chile e nos vulcões do norte do Equador; nas *florestas* que forram as ladeiras orientaes dos Andes e nas aguas do Pacifico, por onde navegavam junto á costa, e até ás ilhas Galapagos, em almadias, jangadas, ou balsas, movidas a brancas velas de algodão."

E' interessante, sob qualquer aspecto, a contribuição que traz o livro do escriptor patricio para a historia da antiga civilização do continente americano...

MAX LINDER

O presidente da Obra de Assistencia aos Portuguezes Desamparados, sr. Parente Ribeiro, foi, por motivo de sua proxima partida para a Europa, homenageado pelos seus companheiros da directoria daquella benemerita instituição, que lhe offereceram um banquete, realizado sob a presidencia do embaixador de Portugal, dr. Martinho Nobre de Mello.

O presidente da Associação Universitaria, academico Justino de Araujo Villela, ladeado pelo almirante Hugo Roure Mariz, chefe do estado-maior da Armada; pelo general Christovão Barcellos, e pelos drs. Porto da Silveira e Gustavo Armbust, numa reunião em que a classe universitaria deu o seu apoio franco á Cruzada Nacional de Educação.

NOCTURNO...

Fazia silencio ainda agora. Subito, assoma á rua deserta um grupo de bohemios com violões... Notas sentimentaes espalham-se dentro da noite friorenta, derramando recordações...

Os violões accordam os lares adormecidos... Uma janella se abre. Um pouco de luz cahe na penumbra da rua tranquilla... E' uma mulher que vem ouvir a musica chorosa dos violões... De instante a instante, folhas sêccas, como lagrimas de oiro, riscam o silencio velludoso da noite, cahindo preguiçosas das arvores quasi descabelladas... As arvores desenham garatujas, bibelots de sombra no chão humido. Outra vez a quietude. Os nocturnos se foram... A janella fechou-se, apagando a luz que cahira ainda ha pouco sobre a escuridão amavel da rua...

Agora, talvez a mulher sonhe... o sonho de outros tempos. O silencio olha tudo loiramente pelos olhos dos lampeões provincianos. Um gato mia no telhado vizinho. Sinto um desejo estranho... A minha alma se perde nas coisas remotas, distantes, nas cinzas de um sonho esphacelado... Os violões despertaram em mim qualquer coisa esquecida... Não sei... não me lembro... Talvez a historia de um amor...

EVAGRIO RODRIGUES

Na matriz de Sant'Anna realizou-se domingo ultimo a solennidade da abertura da Semana Eucharistica, piedosa iniciativa de sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, a quem já se devem os mais bellos esforços em pról da religião e da fé.

A MULHER

A mulher é Pandora. Hephestos, por ordem de Zeus, modelou-a na argila amassada com lagrimas, diz Estobeu. Symbolo dos males que haviam de cahir sobre a humanidade e que guardava um cofre mysterioso, é também a representação da dôr que é a vida e o poder da mulher na terra. A começar pelas dôres da Virgem que nos emocionam o coração. A começar pela dôr de Eva expulsa e envergonhada.

Um poeta grego denomina-a *bella calamidade*. Entretanto, reconhecendo a verdade desse apellido, confessemos também que essa *bella calamidade* chora, e soffre como esposa, como filha e sobretudo como mãe...

FOOTBALL INTER - ESTADUAL

O JOGO DOS PROFISSIONAES CARIOCAS E PAULISTAS

Dois flagrantes sensacionaes do jogo inter-estadual que domingo passado se realizou no campo do America F. C., entre os «teams» profissionaes do club carioca e do S. Paulo F. C. A partida transcorreu equilibrada, offerecendo, no emtanto, lances que emocionaram a grande assistencia de «torcedores» cariocas e paulistas vibrando dentro das archibancadas da Praça de sports da rua Campo Salles.

Seguiu para a Allemanha, em viagem de recreio, o dr. Martin Stanitz, director de publicidade da Alliança Commercial de Anilinas. Na photographia acima, tomada a bordo do «Sierra Salvada», vê-se o dr. Stanitz entre directores e chefes de serviço daquella empresa, e alguns amigos que compareceram ao seu embarque.

PHILOSOPHIA DA VIDA

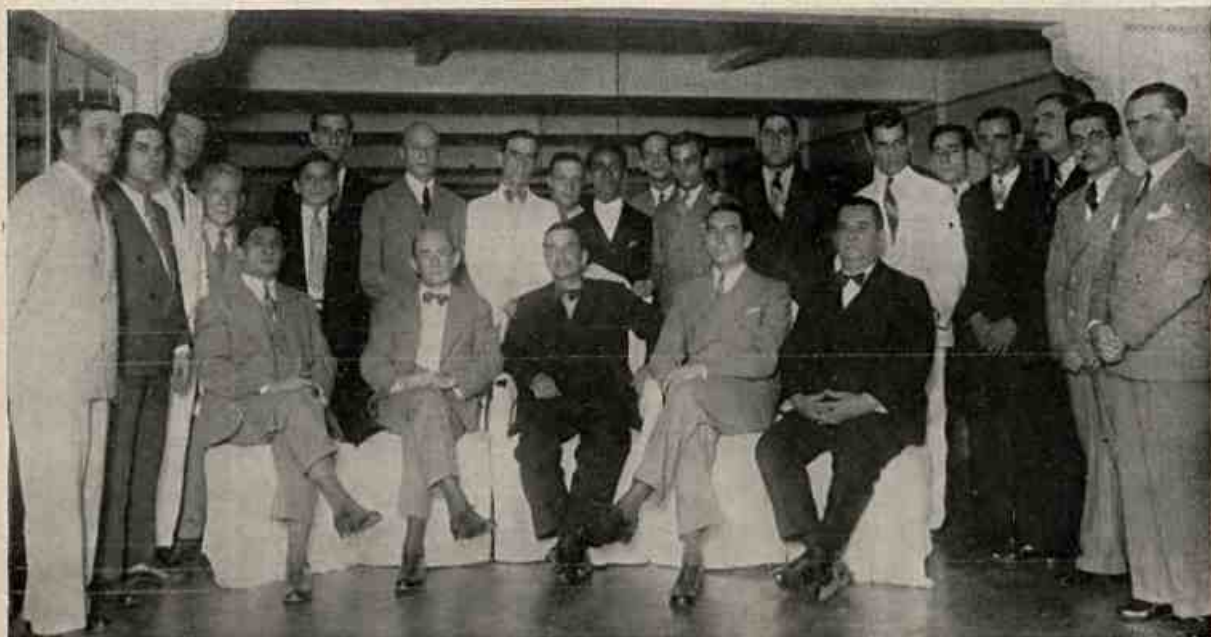
Sustine et abstine... Philosophia da vida... Em ondulações sonoras, a minha prece humilde se perde lá longe onde as estrellas bailam e onde tudo é espiritual, eterno, harmonioso e sem fim.

* * *

Não mates o mosquito nem te revoltes contra a sua cantilena. São coisas da vida...

* * *

Tenhamos sempre piedade dos criticos e dos invejosos. Elles não sabem o que fazem.

PAULO FREITAS

Os directores da fabrica de Calçados D. N. B. offereceram aos seus auxiliares, para commemorar o anniversario da fundação daquelle estabelecimento industrial, um jantar realizado sob a presidencia do sr. Flavio Novaes, que apparece ao centro, no grupo do nosso «cliché».

«FON-FON» NO CINEMA

OBRIGADA A CASAR

(THEY JUST HAD TO GET MARRIED)

Um film da UNIVERSAL com

Slim Summerville e *Zasu Pitts*

AQUILLO foi uma idéa exótica do excentrico millionario: fazer dos seus criados favoritos — Sam e Molly — os seus herdeiros, transportando-os da pobreza absoluta em que viviam para a mais fascinante riqueza. Deu-lhes, então, ainda em vida todo o dinheiro e as propriedades de que dispunha, impondo-lhes apenas uma coisa: que elles se casassem immediatamente, para que assim melhor pudessem supportar os azares da fortuna imprevista.

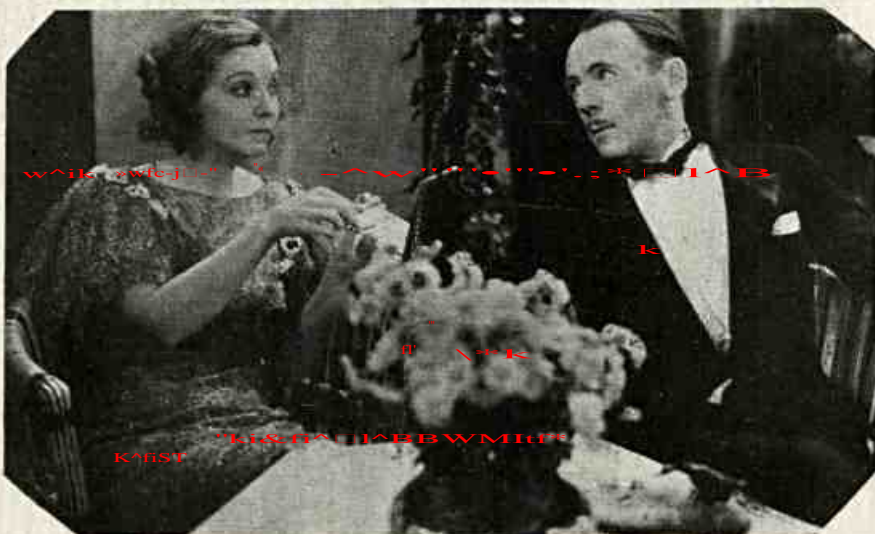
Olhares suspeitos.

A creada sabia mais do que ella.

E Sam e Molly acharam-se, como em sonho, levados á cathedral, ao som da «Marcha» de Mendelssohn; transportados depois a um palácio, integrados numa vida a que não estavam habituados.

Mas estava escripto que a vida, para elles, não seria tão suave como desejavam. Si era verdade que Sam, emquanto criado, jámais lográra despertar a attenção de outra mulher que não fosse Molly, o mesmo não acontecia depois que elle dispunha de um punhado de milhões.

E assim appareceu, dias depois do casamento, durante uma festa hippica que offereciam aos amigos, a tentadora. Chamava-se Lola Montrose, era bonita, loura, e tinha esse «geitinho» especial das chamadas «mulheres-vampiros».

E começou a grande trapalhação.

Sam deu-se todo á heidade, esquecido da bondade pura de Molly, que tudo tolerava e muito confiava no volúvel esposo.

Um dia, porém, as coisas foram mais longe. O ex-criado, quando, na mesa, quiz enxugar a testa perolada de suor, puxou do bolso um par de meias de mulher, julgando que tirava o lenço. As meias eram da Má. O marido da tentadora reconheceu-as e, feroz como era, ameaçou logo armar uma tragédia. Aquillo teria por certo acabado em morte si Molly, que de tudo sabia, não tivesse jurado que as meias lhe pertenciam.

Os tiros não espoucaram, é verdade, mas a desharmonia surgiu entre o casal. Molly falou francamente ao marido, declarando que ia pedir o divorcio. Sam, entristecido, desorientado, vendo que os amigos lhe fugiam e que o amor lhe voltava as costas, renunciou a tudo. Gastou o dinheiro que lhe restava em uma grossa farra de «cabaret» e depois, reduzido á penuria, voltou á sua antiga posição, indo servir como «garçon» em um restaurante elegante.

Foi lá que Molly o descobriu um dia, algum tempo depois, quando já não podia suffocar as saudades que sentia do ingrato marido. Mas não foi ella a única a descobrir Sam. Descobriu-o também a fatidica Lola e, desejando livrar-se do marido, pensou em fingir-se amante do «garçon», para assim dar ao esposo ultrajado um motivo para o divorcio.

E lá ia tudo por agua abaixo novamente, quando o «tio Henry», o millionario excentrico que déra toda a sua fortuna aos dois criados, resolveu intervir. Fez-se de zangado, chamou um jurista e ordenou-lhe que liquidasse immediatamente a separação de Sam e Molly. Foi então, deante da verdade, que os dois viram que se queriam muito e acharam mais pratico esquecer os ciúmes e recomeçar a vida...

Um marido complicado.

Entre duas esposas

Da FOX

com Sally Eilers e Ralph Bellamy

A felicidade sorria-lhes.

A pequenina Patsy, enlevo da casa.

Sandra e Carlos eram felizes.

QUANDO Sandra Trumbull, joven e formosa, ganha um concurso de popularidade nas officinas de Cavendish & Bartlet, provoca a attenção de Carter Cavendish, joven vice-presidente da Companhia. Carter é casado, mas a sua mulher, Betty, é immensamente egoista e não o ama. A única razão de se não divorciarem consiste no amor que os dois dedicam á sua filhinha Patsy.

Attrahido pela belleza, mocidade e independencia de Sandra, Carter acompanha-a de quando em quando ao almoço, entra em uma maior convivência dia a dia, a ponto de dentro em pouco ficarem apaixonados um pelo outro. A esposa de Carter parte para Paris com o pretexto de continuar alli a educação da creança, mas na realidade para se encontrar com o professor de musica Lotzi Vadja, por quem está apaixonada.

Apesar do amor que sente por Carter, Sandra está persuadida de que não póde ser sua mulher. Mas Carter convence-a de que desta vez obterá o divorcio de sua mulher, custe o que custar. Esta facilidade não a encontrem elle por parte da esposa, que se recusou tenazmente a acceitar o divorcio. De concessão em concessão, Carter, cedendo-lhe por fim a educação e posse da filha, consegue o seu consentimento. Sandra e Carter casam-se e Betty parte para Paris. A principio, Carter e Sandra foram felicissimos. Mas, dentro em breve, Sandra reconheceu que Carter não poderia viver sem a sua filhinha. Em Paris, com o tempo, a linda Patsy transforma-se em um verdadeiro prodigio musical, graças aos ensinamentos de Vadja. Betty regressa com ella a S. Francisco da Califórnia para dar uns concertos. Apesar dos ciúmes de Betty, a pequena Patsy affeiçoou-se a Sandra. Esta, comprehendendo que o marido não póde ser feliz sem a companhia da filha, vae procurar Betty para lhe propôr divorciar-se de Carter si ella permittir que Patsy volte para a companhia do pae. Betty recusa, declarando que partirá de novo com a filha para Paris. Alli se casará com Vadja com os recursos que conseguirá com os concertos da filha. Mas Sandra descobre que o processo de divorcio de Betty e Carter contém irregularidades, sendo, portanto, nullo. Sandra parte immediatamente para o aerodromo em que Betty vae embarcar e avisa-a que, ou ella deixe Patsy com o pae, ou a mandará prender. Patsy volta definitivamente para os braços de seu pae e a felicidade corôa a vida daquelles dois corações leaes.

Entre duas esposas.

Unidos na vingança

«UNDER - COVER MAN»

Da PARAMOUNT

Valores revendidos na malandragem.

NUM minuto de repouso das suas actividades mundanas, Kenneth Mason, figura muito em vista nos circulos elegantes de Nova-York, faz uma visita ao seu escriptorio de corretor. E' ahi que o vamos encontrar, conversando com o joven Jimmie Madigan, a quem Kenneth faz ver os perigos que um rapaz como elle, portador habitual de titulos de valor, corre constantemente, assalto, rapto, roubo, assassinio, etc. Jimmie mostra-se captivo do interesse que Kenneth lhe testemunha, e mais ainda, quando elle lhe mostra de que precauções se rodeia elle proprio para fugir a riscos idênticos.

Mais tarde, Jimmie sáe com uma partida de titulos, e Kenneth se offerece para leval-o no seu luxuoso automovel. Jimmie apressa-se em acceitar o amavel offerecimento. No momento em que o auto atravessa uma rua mais escura, Mason aperta uma pequena alavanca na caneta-tinteiro com que tem estado brincando, e na ponta do instrumento apparece uma afiada lamina que elle crava nas costas do seu companheiro. Depois, apropria-se dos titulos de que o rapaz era portador.

Sam Dorse, que age como receptador de titulos roubados, recusa-se a immiscuir-se nesse caso dos subtrahidos a Jimmie. Martoff, o valentão do grupo, para quem o revolver é o brinquedo de todos os dias, abate-o com um tiro certeiro.

Na estação central de policia vae uma grande agitação, quando Nick Darrow, friamente, reflectidamente, alli penetra, e, dirigindo-se ao chefe de serviço, diz-lhe:

«Não gosto de gente da policia; mas Sam Dorse era meu pae, e quero descobrir quem foi que o assassinou. Para isso, como agente secreto, quero trabalhar ao lado de vocês».

O commissario acceita o offerecimento e dá-lhe cartas que apresentam um certo Ollie Snell, gangster de Toledo, a Martoff, gangster de Nova-York. Apresentando-se como Snell, Nick procura Martoff, com quem conversa sobre um possivel «negocio» de apolices. Precavido, astucioso, Martoff marca-lhe encontro para essa mesma noite, num club da cidade, e Nick lá comparece, levando por companheira Lora Madigan, empenhada em descobrir o assassino de seu irmão, e resolvida a jogar a partida de parceria com o audacioso Nick. No club, os dois se encontram com Mason, e uma rapariga por nome Connie, que em acto continuo busca attrahir a sympathia de Nick. Outro tanto faz Lora em relação a Mason, fiel ás instrucções que lhe deu o agente secreto. A noitada que no club já decorreu animada vae terminar no aposento de Mason, que, captivo dos encantos da pequena e resolvida a conquistal-a, lhe entrega o seu livro de cheques para que ella disponha dos seus haveres com a liberdade que quizer. Lora apanha uma caneta fonte. Inadvertidamente aperta uma mola que ella tem, e enche-se de horror quando descobre que o que está nas suas mãos, em vez de uma caneta, é uma arma terrivel, a mesma arma que prostrou morto seu irmão.

No dia seguinte, ao tempo que Mason procura convencer Lora a acompanhál-o numa viagem á California, Martoff e os seus parceiros apertam o cerco em torno de Nick. Suspeitam que elle seja um auxiliar da policia e o intimidam, na esperança de que elle confesse. Mas o rapaz tão habilmente lhes dissipa as suspeitas, que elles o intimam a participar do ultimo assalto que darão, antes de fugirem da cidade. Martoff e Nick praticam o assalto com o melhor resultado, e partem em direcção a outro, carro de que se servirão para despistar a policia. Só Nick, porém, chega a tomar esse segundo auto. Sobre o assento do primeiro ficou Martoff, que se gabou a Nick de ter assassinado Sam Dorse.

No apartamento de Lora, Mason aguarda que chegue Nick, e logo que este apparece, fál-o alvo da sua cólera:

— Rôto nojento, pensas que eu não sei que papel tu representas, secreta cobarde e sem vergonha? Mas vaes pagar por isso agora mesmo, bandido!

Nick é, porém, mais rapido do que Mason, e, quando a policia chega, é a Mason que encontra, tremendo deante do revolver do rapaz.

A cadeia, agora, hospedará a Mason pelo tempo que lhe resta viver. Quanto a Lora e Nick, que se amam deveras, não cuidam mais do caso, pois têm o seu amôr em que pensar.

Entre o crime e o amôr.

Vencida!

A americana era endiabrada.

CANÇÃO DE HEIDELBERG
da U F A
COM BETTY BIRD, WILLI FOST

O poema da mocidade.

NUM club allemão, de Nova-York, John Miller, homem muito rico, festeja um acontecimento dos mais felizes de sua vida: sua filha, Elinor, completaria vinte annos no dia seguinte. Para aperfeiçoar-se nos estudos, a bella herdeira deverá embarcar para a Allemanha, afim de cursar a Universidade de Heidelberg, onde seu pae havia sido muito feliz na mocidade, como estudante.

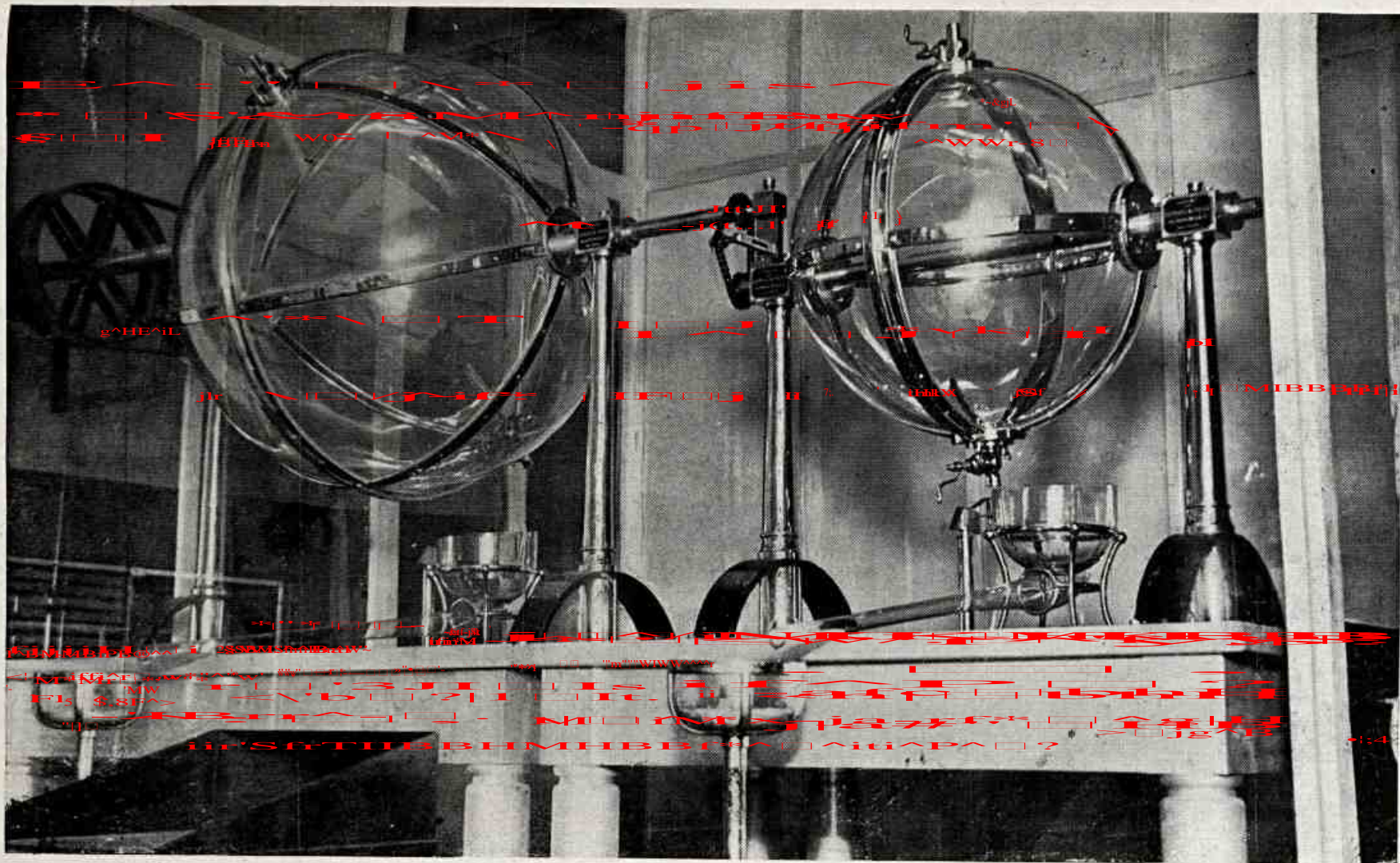
No club todos cantam a famosa canção:

«Velha Heidelberg, ameno
«Vergel de tradições...

emquanto a cerveja da patria distante transborda dos grandes copos

(Conclúe na pag. 51)

Nada de audacias.

HANS ALBERS, além de um perfeito athleta, é considerado o homem mais elegante do cinema moderno e sua photographia apparece frequentemente a illustrar a capa das revistas de modas masculinas como exemplo do que deve ser, realmente, a arte de bem vestir. A' sua personalidade sympathica e ás suas finas qualidades de «gentleman» deve o prestigio que desfructa nos circulos femininos de toda Europa. Hans Albers será apresentado ao publico brasileiro através de innumeros films da Ufa, dentre os quaes, poderemos desde já citar: «Loucuras de Monte Carlo», «Cocaína», «Quick».

Urnas de crystal movidas a electricidade, isoladas de qualquer contacto exterior por uma camara com paredes de crystal. E' por essas urnas que a Loteria Federal do Brasil distribue cerca de 5.300 CONTOS DE REIS por mez aos seus clientes. No corrente mez, nos dias 13 e 20 serão extrahidas loterias com os premios maiores de 500 CONTOS DE REIS e no dia 24 de Junho, a Loteria de S. João com o grande premio de 2 mil contos.

Virginio Santa Rosa — O SENTIDO DO TENENTISMO — Dist. Civilização Brasileira, S. / A. — Rio — 5$

TRATA-SE de um ensaio, que muito recommenda a visão sociologica do autor. Não exaggeramos em affirmar que o sr. Santa Rosa escreveu a melhor synthese do movimento revolucionario brasileiro, com uma serenidade sómente possivel, pelo seu afastamento dos centros de effervescencia das paixões partidarias. Só os cégos não se apercebem da realidade brasileira, trabalhada pelo anseio de reivindicações sociaes que já modificaram a estructura da totalidade dos paizes do globo.

O poder das oligarchias politicas, nós bem sabiamos de onde vinha...

"Entre nós, perdurou sempre o mediavalismo economico, a absoluta inconsciencia dos problemas mais prementes da realidade nacional."

A politica, apoiada nos latifundios, no interesse industrial das altas tarifas, no capitalismo vesgo, arrastava a nação á ruina. Era o dominio da alta burguezia, contrastando com a miseria das massas que trabalhavam e produziam, estas, com o direito unico de serem expoliadas. Forças *invisiveis*, porém, modificaram o ambiente nacional, e ficou atraz a época em que *fallar em socialismo era procurar attrahir a vigilancia e a malquerença da policia*. Acção e reacção produziram, fatalmente, uma transformação no meio ambiente. O resto, nós sabemos...

O processo se faz, lentamente, e a mocidade, sem o vicio da politicalha, transpõe barreiras, toma de assalto posições. De tudo isto resultará um Brasil Novo, integrado no quadro das nações modernas. Devemos caminhar para o dominio do Estado. *E a democracia, a fórma politica por excellencia do individualismo burguez, irá desapparecendo ante a investida das massas organizadas e cada dia mais conscientes da sua força e dos seus direitos...*

O estudo do sr. Santa Rosa focaliza o panorama brasileiro, onde duas forças marcham em sentido contrario para o mesmo fim: a posse do governo. A corrente dos politicos visando a derrubada dos adversarios, a dos tenentes procurando alterações mais amplas da nossa organização social.

Escrevendo com elegancia, expondo com nitidez as suas idéas, o autor produziu um livro admiravel, digno de ampla divulgação.

Emilio Salgari — SONG-KAY O PIRATA — C.ª Editora Nacional — São Paulo — 3$

AVENTURAS, viagens, historias, heroismos... Livros para a juventude, escolhidos entre as obras classicas da literatura mundial. Eis o objectivo dos maiores editores do Brasil, lançando esta nova collecção denominada *Terramarear*:

Coisas da terra, do mar e do ar.

O baixo custo do volume e o capricho material garantem o successo da edição.

Pizarro Loureiro — O CHACO BOREAL — Editora Moderna — Rio — 5$

ESTE livro tem o sabor da actualidade. A Bolivia e o Paraguay, neste momento, estão empenhados numa terrivel luta armada pela posse desse pedaço do territorio sul-americano. O autor faz a defesa do ponto de vista boliviano através de farta documentação, analysando e concluindo com a autoridade de perfeito conhecedor do assumpto.

O estudo interessa de perto o Brasil. Pizarro Loureiro expõe episodios da vida diplomatica brasileira que são ignorados pelos commentadores frivolos da politica americana, recommendando-se pela cultura do seu espirito e clareza de linguagem. Um trabalho util.

Fenimore Cooper — O CORSARIO VERMELHO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 3$

RAUL DE POLILLO, nome festejado das letras paulistas, traduziu *The red rover* para a *Collecção Terramarear*. Trata-se de um empolgante romance de aventuras, dos melhores no genero.

Mario Poppe

Orthof
1 FRAQUEZA CEREBRAL
2 INSÓNIAS
3 FALTA DE MEMÓRIA
4 MÁ DIGESTÃO
desaparecem com o uso do
NEUROBIOL
Neurobiol

NOTAS DE ARTE

ORCHESTRA VILLA LOBOS. — No Theatro Municipal, em a noite de 24 de abril, realizou a Orchestra Villa-Lobos o 2.º concerto da temporada, fazendo ouvir este programma: I) **Cherubini** — «Faniska» («Abertura»), 1.ª audição; II) **J. S. Bach** — «Suite em ré»; III) — a) **R. Wagner** — «Tristão e Isolda», («Preludio do 1.º acto e Morte de Isolda») — b) **A. Nepomuceno** — «Oração ao Diabo» (letra de Orlando Teixeira e orchestração de Villa-Lobos) — numeros para canto e orchestra, sendo solista a senhorita Abigail Parecis; — **M. Ravel** — «Alborada del Gracioso» (1.ª audição); **Mignone** — «Momus» (1.ª audição).

A julgar pelos applausos e pelos «bis», os maiores triumphos da noite foram «Alborada del Gracioso» e «Oração ao Diabo». Certo não foram interpretados melhor que os outros numeros, mas a singularidade dos rythmos, a invulgaridade dos themas, a sonoridade tumultuosa de um e o satanismo escandaloso do outro sacudiram tanto a sensibilidade do auditorio que não se satisfez com uma só e quiz e obteve mais outra audição de cada peça de Ravel e de Nepomuceno.

A nós, porém, o que mais agradou, o que mais emocionou foi a tanto mais bella quanto mais vivida pagina do mestre de Beyeuth, trechos de sua obra prima — «Preludio do 1.º acto» e «Morte de Isolda» — e depois a «Suite em ré» de Bach, que foi condigno preambulo para a audição do poema wagneriano.

Além da bella execução orchestral, os dois numeros de Wagner e Nepomuceno tiveram como interprete vocal a joven e já notavel cantora patricia, senhorita Abigail Parecis. Deu-nos deliciosos momentos de gozo espiritual a sua voz quente, de agradavel timbre, merecedora dos enthusiasticos applausos com que a brindaram. Pareceu-nos apenas que foi um «tour de force» cantar a distincta artista as peças que cantou, principalmente a pagina wagneriana. Mostrou que «póde» mas tambem que não «deve» cantál-as. Realmente é grande prazer ouvil-as através da linda voz da talentosa patricia, mas pensamos que não são apropriadas á sua capacidade vocal. Insistindo em interpretar essas e outras peças identicas, de igual tessitura, talvez venha a sacrificar os dotes naturaes e raros da sua formosa voz. Digam os technicos se temos ou não temos razão.

O «Momus», do compositor brasileiro Fr. Mignone, alvo de numerosos applausos e que se estenderam ao proprio compositor presente no concerto, tocado logo após a obra de Ravel, pareceu-nos a continuação da «Alborada del Gracioso». Impressão puramente auditiva, e talvez errada, resultou naturalmente do genero das duas peças, da semelhança dos themas, do assumpto carnavalesco de ambas.

Villa Lobos conduziu a orchestra com a costumada mestria, e ruidosamente applaudido.

ARTHUR RUBINSTEIN. — No T. M. nas tardes de 26 e 29 de abril Arthur Rubinstein realizou o 3.º e o 4.º concertos da temporada, tocando, além de varios «extra» como «Reve d'amour», «Triana», «Dança do Medo»: A) **Schumann** — «Carnaval, op. 9»; **Debussy** — «Preludio» «La Cathédrale Engloutie», «Poissons d'Or», «L'Isle Joyeuse»; **Stravinsky** — «Petrouchka» (dedicada a Rubinstein); **Chopin** — «Barcarole» op. 60», 2 «Mazurkas», «Polonaise op. 53»; — B) **Bach** — «Tocata em fá maior»; **Cesar Franck** — «Preludio», «Choral», «Fuga»; **Ravel** — «Valsas robles et sentimentales»; **Busoni** — «L'Alcove de Turandot»; **Tajcevic** — «Morceaux balkaniques»; **Chopin** — «Fantaisie — Impromptu», 2 «Estudos»; **Granados** — «La

Efigenio Roussoulieres, jovem artista fluminense, que tomou parte brilhante na festa de arte commemorativa do «Dia do Encarcerado», realizada segunda-feira ultima, na Penitenciaria de Nictheroy. Efigenio Roussouliere é, tambem, o creador da canção «Sinhô Velho», musica de Célia Brant e letra de de Paulo Mac Dowell.

* * *

«Maja y el ruiseñor»; Albeniz — «Navarra».

Todas as qualidades technicas e estheticas que exornam o grande pianista polonez, revelou-as abundantemente em cada uma das peças executadas. E, como sempre, inexcedivel, excepcional, tocando Strawinsky, Granados, Albeniz e Falla. Nenhum como Rubinstein transmitte no mesmo grão as impressões de belleza, epica, comica ou lyrica, de composições pianisticas como «Petrouchka», «Triana», «Navarra», «Dança do Fogo» e tantos outros poemetos sonoros da musa slava ou hespanhola dos nossos tempos.

Mas por tão extraordinarias interpretações não se devem esquecer as que nos causaram e ao publico os mais justos e fervorosos applausos, como «L'Isle Joyeuse», de Debussy, «Valses» de Ravel, «Carnaval» de Schumann, «Barcarola», «Polonaises» e «Fantaisie — Impromptu», de Chopin, «Rêve d'amour», de Liszt, sobretudo, a que nos pareceu a mais impeccavel e mais bella das execuções — Preludio», «Choral» e «Fuga», de César Franck. Nesta composição do «Beethoven francez», Rubinstein mostrou-se pianista integral; commoveu e arrebatou.

Como acontece em quasi todos os seus concertos, o auditorio não se cansou de applaudir e pedir mais «extras», que o artista sempre concedia entre frequentes e ruidosas ovações.

AUDIÇÃO DE ALUMNAS DE CANTO E DECLAMAÇÃO. — D. D. Léa Azeredo e Nenê Barulel proporcionaram-nos em a tarde de 24 de abril aprazíveis momentos de arte, fazendo ouvir algumas das alumnas de canto, da primeira, e de declamação, da segunda professora, no Curso que mantêm ambas, juntamente com a cantora D. Roseta Costa Pinto, e cuja divisa são os formosos versos de Victor Hugo:

Chantez, chantez, jeune inspirée,
La femme qui chante est sacrée...

Não tendo presentes nem os nomes das interpretes nem os titulos das obras interpretadas, não podemos registrar com precisão as nossas impressões. Lembramo-nos, porém, de alguns numeros que mencionamos para louvor das mestras e das discipulas.

Destacamos assim o canto das senhoritas Dulce Barbosa e Oiticica e a declamação das senhoritas Flavita da Silveira e Ruth Dunshee de Abranches. Chamou-nos tambem especial attenção a graça infantil mas muito communicativa de uma garotinha de meia duzia de annos, que recitou a poesia de Álvaro Moreira — «O gury não é da musica». E surprehendeu-nos, mais que tudo, a arte com que declamou uma menina de 8 ou 9 annos, Dalila Geraldo. Vendo-a e ouvindo-a, tivemos a impressão de ver e ouvir uma grande pequena artista. Como recitar melhor os versos comico-dramaticos de «Telephonada», a formosa poesia de Maria Eugenia Celso? Oxalá crescendo em idade não decresça em arte, a galante interprete da Poesia!

Encerrou-se a audição de alumnas com uma audição de mestra: Nenê Barulel disse com a costumada pericia a empolgante poesia de Anna Amélia — «A morte do athleta».

OSCAR D'ALVA

A morte do sargento Colly

De G. R. Malloch

VAUDREN deteve o auto na vasta explanada que servia para os carros de todos os apartamentos. Abriu a portinhola e offereceu a mão á dama que estava ao seu lado. A esposa de Vaudren sahiu tambem, mas pela outra porta. Nenhum dos tres pronunciaram palavra.

Em geral, annunciavam a sua chegada com risos e gritos, batendo ás portas. Os vizinhos dos apartamentos proximos sabiam assim que Vaudren voltára do seu passeio. Mas, nessa noite, permaneciam em silencio e se moviam furtivamente como sombras.

Penetraram no "hall", todo illuminado. Os seus rostos pallidos revelavam fadiga. O ascensorista não estava na sua jaula dourada. Instinctivamente, Gloria Wilson estendeu a mão para a campainha. Vaudren deteve-a.

—Não incommodemos a Johnson — recommendou. — Deve estar dormindo.

Subiu pela escadaria, luxuosamente atapetada, e as duas mulheres o seguiram sem abrir a bôcca. Chegaram ao segundo andar. E quando se detiveram em frente ao apartamento B, pareciam exgottados.

Vaudren, um tanto nervoso, demorou-se em abrir a porta. Entraram, emfim, com um suspiro de allivio.

— Graças a Deus, estamos de volta! — murmurou a senhora Vaudren.

Seu marido sorriu com um ar zombeteiro.

— Que necessidade tens de recorrer ao nome de Deus, em tal momento? — perguntou.

As mulheres, sem responder, desappareceram pela porta da sala. Elle pendurou no cabide o chapéu e a bengala e foi ao "toilette", onde refrescou avidamente o rosto com agua perfumada. Voltou á sala, accendeu as luzes e a chaminé electrica. Correu as cortinas da janella e sentou-se numa cadeira. Sentia frio.

Seu apartamento era magnifico. E muitas vezes admirava o talento da sua mulher em combinar o senso artistico com o conforto. Desgraçadamente, a creada, que ia embora depois de jantar, deixava tudo em desordem. Mas essa ausencia tinha as suas vantagens. Ninguem controlava a hora do seu regresso, salvo quando Johnson ficava ainda no "hall" e os fazia subir pelo elevador. Tomou um diario que estava sobre a mesa e começou a ler.

Gloria Wilson entrou na sala. Vaudren olhou-a mais detidamente que em outras occasiões e lhe offereceu uma cadeira. Nunca o interessara aquella mulher morena, de olhos apaixonados, ainda que fosse bella, á sua maneira. Mas sem duvida, ella sabia perdendo numa comparação com Isabel Vaudren, esbelta e loura, que fôra outrora sua companheira de collegio.

— Sente-se junto á chaminé — disse-lhe Vaudren.

— Obrigada — respondeu Gloria, com uma voz estranha.

Elle não sabia o que dizer para manter a conversação.

— A situação na India e no Egypto parece insustentavel... — começou.

— E' muito natural...

Gloria Wilson fez uma pausa e olhou-o de um modo penetrante.

— Vaudren!

— Que ha?

— Eu não devia ter dito aquella palavra...

— Qual?

— A palavra: — siga!

Elle abandonou o jornal sobre os joelhos e disse, perturbado:

— Por que? Não havia razão alguma para deter-se.

— Bem sabe você que si...

— Oh! que diabo! — replicou elle, aborrecido, perdendo toda a cerimonia. — Não sabemos exactamente o que houve. Foi, provavelmente, um máo jogo da nossa imaginação...

Todo o caminho estava em trevas...

— Foi uma infelicidade você não ter accendido os pharóes.

— Prefiro guiar sem elles. Só servem para encadeiar os outros.

— Sim... Mas deviamos tel-o visto.

— A quem? Pareceu-me que o carro experimentava um empecilho. Mas isto succede com frequencia. A estrada está cheia de altos e baixos.

— Sei-o. Mas você freiou bruscamente e me disse: "— Que foi isto?"

— Crê que Isabel me tivesse ouvido?

— Não. Disse-me que estava dormindo e nada percebeu. Mas eu vi alguma coisa depois do solavanco que recebemos, quando puz a cabeça á portinhola...

— Que foi?

— Alguma coisa escura... semelhante a uma mancha na estrada...

— A mim tambem me pareceu ver uma sombra passar, como um relampago. Cheguei, porém, á conclusão de que se tratava apenas de um reflexo e segui.

— Porque eu lhe disse aquella palavra...

— Illusões!

Mas Vaudren sabia muito bem que Gloria estava dizendo a verdade pura. Aquelle instante surgia como photographado em sua memoria com surprehendente nitidez, apesar da confusa impressão que elle lhe deixára. A sacudidella, a sensação de ter pisado alguma coisa com a roda deanteira da esquerda, o horror e a vacillação vividos em poucos segundos, com toda sorte de impulsos contradictorios tumultuando no seu espirito a impossibilidade de ter atropellado a um transeunte sem vel-o e entretanto, a sensação de tel-o feito; a freiada instinctiva, a sua rapida pergunta, a imagem lugubre do carcere, toda aquella barafunda dominada por uma tranquilla voz que lhe murmurava ao ouvido: "Siga!"

Obedecera áquella ordem, automaticamente, sem raciocinar. E o

(Continúa na pag. seguinte)

automovel, lançado como uma bala, devorou a estrada a noventa kilometros por hora. Vaudren sentia-se fatigado, e, poucas milhas adeante, Gloria se offerecia para substituil-o no volante, numa velocidade menos rapida.

Elle aceitara o offerecimento e proseguira a viagem cabeceando, semi-adormecido, repetindo intimamente, para si mesmo, que tudo aquillo fôra um producto da sua phantasia e que apenas tropeçara num páo ou numa pedra! E eis que occorre o segundo accidente...

Despertara, num sobresalto, porque percebera, emfim, que Gloria estava guiando por uma estrada que lhe era desconhecida. Como cruzassem, porém, á frente de uma casinhola onde se via uma luz vermelha, o logar não era o mais proprio, no momento, para entrar em discussão ou explicações. Segundos depois, inesperadamente, se chocaram com o pilar de granito que flanqueava o caminho. Gloria riu histericamente, com riso sonoro, que despertou a mulher de Vaudren. E um motocyclista da policia appareceu-lhes de improviso e começou a tomar notas em seu *carnet*. Como o accidente fosse insignificante, não tardaram em proseguir no seu caminho.

Agora, commodamente sentado naquella habitação confortavel e cheia de luzes, segura e familiar, recordava o succedido como um terrivel pesadêllo...

— E' curioso que tivesse cochilado ao cruzar o pateo daquella casinhola — observou Vaudren.

— Eu não cochilei...

Olhou-a, surprehendido.

— Nesse caso, como explica que não haja visto a luz vermelha? Você guia muito bem...

— Mas... não percebeu que o fiz de proposito?

— Receio não comprehender. Qual poderia ser a sua intenção em causar-me uma avaria num carro novo?

Gloria sorriu com negligente superioridade.

— Sim... O seu automovel está novinho em folha... Sinto bastante. Mas... não comprehende que isso lhe póde servir de justificativa?

— De justificativa? — repetiu elle com assombro.

— Sim. No caso que tivessem ficado signaes no para-lama... E como Vaudren continuasse a não comprehender, explicou:

— E' indispensavel que eu lhe explique?... Pois bem... Não é difficil que alli houvesse manchas de sangue... Imagine que estivesse alguem no local, quando succedeu... aquillo... já que nunca se sabe o que occultam as moitas. E que se descobrisse a pista do seu automovel... Vi que você estava meio adormecido, vi o poste de granito perto do qual estava parado um inspector de vehiculos e resolvi espatifar o pára-lama da esquerda para fazer desapparecer todo o rastro possivel...

Vaudren não respondeu. Se alguem tivesse visto *o que succedera*... Aquellas palavras lhe queimavam o cerebro... Via o matto que circulava o caminho cheio de olhos perscrutadores, vagabundos... Por que não se detivera, descendo do automovel, como fôra o seu primeiro impulso? Por que obedecera, naquelle instante de confusão, á imperiosa voz de Gloria Wilson, que lhe sussurrava: — "Siga!"? Não o sabia. Aquella conducta era tão indigna do seu caracter... Atropelára um homem no caminho e logo fugira, como um poltrão!

(*Continúa no proximo numero*)

A TI

o teu lado, querida,
ou um poder realizador na vida...
ou a energia dynamica e propulsora
ue ergue, no infinito, a imagem seductora
a Belleza mais casta...

o teu poder de incentivar me arrasta
' luta para o bem,
e pés na terra e o pensamento além...

ibro cantando o amôr, a poesia, as seáras
Harmonias do bem vibrando em notas claras .

O' milagres do Amôr!... Maravilhas da sorte! ..
Nós dois, nosso olhar, o destino, meu norte...

E eu penso que as notas, vibrando no ar,
São vozes dos anjos no céo a rezar...

E assim, minha amiga, terminando,
O teu poder
E' um poder miraculoso
A cujo mando,
Eu, que prazer!...
Sou feliz... sou ditoso...

WALD. PINHEIRO

...nhados em brindes enthusiasti-
. Scenas taes causam prazer não
mente aos bebedores contumazes
s também a Sam, que, elle pro-
o, vae pelo caminho bebericando
ra se animar a levar a bom termo
grande tarefa que tem deante de
Sam está encarregado de forne-
r a Elinor uma quitação de im-
stos assim que os relogios annun-
irem a meia-noite. E, segundo a
dos Estados Unidos, é necessário
e elle a dê, pessoalmente, sem o
e, a mesma não terá valor legal.
Sam esquece-se de uma coisa: do
eito do álcool. Não o levando em
ita, excede-se por tal fôrma, que
lha confundindo um elevador com
seu quarto de dormir.

Em Heidelberg, uma carruagem,
pregada de malas, atravessa a pon-
sobre o Neckar. Eis a linda Eli-
r que faz a sua entrada na famosa
lade de estudantes. Um aparta-
nto agradavel é logo encontrado,
anto ao preço do aluguel, o en-
idimento é rápido, o que não se
, porém, com a definição de «gar-
nniere» visto não registar tal vo-
bulo o pequeno diccionario de Eli-
r. Nestas circumstancias, ella re-
lve pedir conselhos a dois jovens
tudantes que, em alegre roda de
llegas, tomavam o «chopp» matinal.
inor os impressiona no mesmo ins-
nte, a ponto de combinarem, os
is, que, no caso de ser tão gra-
sa joven, uma loura, caberia a
hlberg conquistál-a; si, pelo con-
irio, morena, Bonermann é que se
carregaria do feito. Mas Elinor
n um elegante chapéosinho a co-
ir-lhe tão bem os cabellos, que não
fácil chegár a um resultado. Foi
sala de aulas que os dois estu-
ntes lograram desvendar o eny-
na. El'a era morena! Eis o pro-
ema resolvido.

Elinor reconhece a necéssidade de

Canção de Heidelberg

(Conclusão)

refrescar os seus conhecimentos da lingua allemã e, por este motivo, resolve tomar explicações, em seu proprio quarto, com o sympathico Dahlberg. A' força de declinar e conjugar: eu amo, tu amas, elle ama, acaba retendo este verbo tanto na memória quanto no coração. Bonermann, por sua vez, está furioso. Magoado com a sua derrota, vive a sonhar, noite e dia, com a vingança. Por occasião de um banquete de estudantes, improvisa uma canção satyrica que envolve Dahlberg e a sua amiguinha. Enraivecido, Dahlberg precipita-se sobre o cantor e o esbofeteia. Resultado: vão se bater em duello. Já as testemunhas se movimentam de um adversario a outro. Bornemann se exercita diariamente no manejo da espada, pois toda a sua ambição é cortar o nariz ao rival. Durante estes exercícios é surprehendido por um tio que, ao saber do que se passava, corre a dar a noticia a Elinor e pedir-lhe que fizesse tudo para evitar o duello. Comquanto fosse noite, Elinor vae ao quarto de Dahlberg com o proposito de dissuadil-o do encontro. Entrementes, as testemunhas se fazem annunciar. Para não comprometter Elinor, o rapaz finge não estar em casa. Dois estudantes ficam á sua espera no alto da escada e a hora do combate transcorre... Dahlberg, para salvaguardar a reputação de Elinor, sacrifica a sua honra de estudante não comparecendo ao local do duello. O pae de Elinor chega a Heidelberg e se apressa em juntar-se á filha, com a qual encontra, também, Sam, que, tendo conseguido descobrir o endereço da joven e ali chegando, se apercebe ter esquecido a quitação de impostos em Nova-York. Assim que o velho Miller vem a saber, por intermédio da filha, que Dahlberg se esquivou ao duello por sua causa, vae procurar o rapaz. Tranquillizado, afinal, no que diz respeito ao bom nome da joven, Dahlberg põe-se á disposição do adversario. O choque de armas se realiza, e quem fica com o nariz cortado, ao envés de Dahlberg, é o vingativo Bonermann.

Tudo termina, como se acaba de vêr, muito bem.

Um casal feliz caminha sob arvores da velha cidade da qual a canção diz:

«Velha Heidelberg, ameno...
«Vergel de tradições...
«Sobre o Neckar, sobre o Rheno...

UM DRAMA EM

(SHERLOCK HOLMES

(Continuação do numero anterior)

Estas ultimas palavras foram acompanhadas por um grito dilacerante. Nancy atirou-se ao fauteuil. Abraçou o corpo e innundou-lhe o rosto de lagrimas.

Era debalde que o prefeito da policia, o gerente do hotel tentavam afastar aquella mulher do cadaver, que abraçava soluçando angustiadamente.

Nancy repellia os dois homens gritando:

— Porque querem tirar-m'o? Pertece-me. Dera-me todo o seu coração, e eu amava-o! Como me apertou ternamente nos seus braços, ainda quando o deixei!... E agora! Os meus presentimentos não eram illusorios... O punhal do assassino matou-o.

— Como, minha senhora, perguntou o prefeito de policia, lord Woodville tinha o presentimento de que a sua existencia estava ameaçada?

— Sim, senhor, retrucou Nancy, apertando a cabeça de lord de encontro ao peito e acariciando-lhe as faces com os seus dedos delicados; e ainda hontem me falou a esse respeito. Sei bem que tudo é inutil, dizia-me elle com um olhar triste e um sorriso desanimado. Um bello dia, encontrar-me-ão morto — assassinado — e comtudo tanto desejava viver, minha Nancy, viver para ti, viver por ti! E pensar que isso não succederá, que não poderá ser!

Uma torrente de lagrimas innundou de novo os olhos de Nancy e embargou-lhe a voz.

— Esbarro pois com uma contradição, disse o prefeito de policia aos seus agentes. Tudo prova que o roubo foi o movel do crime. A quantia ganha esta manhã não se encontra — as gavetas da secrtária estão abertas. Miss Elliot, quer ter a bondade de responder a uma pergunta?

— Supplico-lhe, senhor... respondeu a actriz numa voz inintelligivel. Mal posso coordenar os pensamentos. Entretanto, farei um esforço, queira interrogar. Talvez possa responder-lhe.

— Olhe attentamente para este corpo. Não nota o desapparecimento de alguma joia?

Nancy voltou para o cadaver os olhos cheios de lagrimas.

— Falta-lhe o alfinete da gravata, de brilhantes, exclamou ella; roubaram-lhe o relogio e arrancaram-lhe dos dedos quatro anneis ornados de diamantes admiraveis!

— E' isto mesmo, disse o prefeito, é evidente. Mataram lord Frederic para o roubar. Mas continúo a não comprehender como o assassino poude introduzir-se neste aposento! As duas janellas dão para a praça onde estão o cassino e o café de Paris. Ninguem podia passar por ahi, porque a praça é muito frequentada. Pela porta tambem não entrou porque sabemos pelo creado Baptista, que estava fechada.

— Baptista é assassino! disse neste momento uma voz de mulher — e uma rapariga de cerca de vinte e quatro annos elegantemente vestida com um grande avental branco, um laço nos cabellos entra no gabinete procurando chegar junto ao prefeito da policia.

Numa das mãos que erguia acima da cabeça, tinha um relogio, uma cadeia de ouro, um alfinete de brilhantes — e um punhal.

CAPITULO III

A DUPLA SUSPEITA

— Aqui está, senhor prefeito, exclamou a creada de quarto. Encontrei este punhal, este relogio, este alfinete no quarto de Baptista. Oh! é espantoso!

O rapaz estava muito pallido e immovel. Quiz falar, agitou os labios, mas não se lhe ouviu palavra

MONTE-CARLO

(POR CONAN DOYLE)

— Prendam-n'o, disse o prefeito da policia aos agentes.

Immediatamente dois guardas se collocaram de cada lado do rapaz, afim de impedir qualquer tentativa de fuga.

O prefeito pegou no punhal, aproximou-se da janella e examinou-o attentamente.

— Sangue! Sangue fresco, exclamou elle. E' um estylete italiano. Perfeitamente como disse, meu caro doutor. Eis o instrumento do crime.

— Parece-me, disse o medico, pegando por sua vez no punhal que aproximou dos olhos, parece-me que esta lamina conserva ainda um pouco de carne. Com o microscopio, poderemos determinar se são fragmentos do musculo cardiaco ou do tecido pulmonar do desventurado lord.

— Por emquanto basta-nos saber que foi desta arma que o criminoso se serviu. Na minha opinião não ha a menor duvida a esse respeito. Miss Elliot queira ter a bondade de examinar estas jóias, e de me dizer se pertenciam ao lord, pediu o prefeito.

— São delle, tornou Nancy, deixando-se cahir de joelhos deante do cadaver.

— Aproxime-se, disse o prefeito da policia, á joven accusadora. O seu nome?

— Maria Dillon.

— E' ingleza?

— Sou de Dublin, senhor prefeito. Ha dois annos que estou empregada no hotel de Paris. Parece-me que o senhor gerente pode dar-lhe as melhores informações a meu respeito.

— Como se explica que tivesse entrado no quarto de Baptista. O que tinha ahi que fazer?

Maria Dillon corou um pouco — depois ergueu a cabeça, como se quizesse repellir todos os escrupulos e respondeu:

— Senhor prefeito da policia, tive uma aventura amorosa com Baptista Heulard. Ha quatro semanas que elle me abandonou. Devo confessal-o, o ciume levou-me a dar busca ao seu quarto afim de ver se encontraria ahi cartas de amor de alguma mulher. Abri o seu armario — e encontrei primeiro, envoltos num par de meias de lã, o relogio e o alfinete, depois, occulto no fundo, o punhal. Comprehendi então que Baptista era o assassino do lord, porque foi a ultima pessoa que entrou neste gabinete.

— A testemunha tem razão, disse o prefeito da policia. Já me tinham assaltado suspeitas sobre esse rapaz. Verificam-se neste momento. Baptista Heulard, prendo-o em nome da lei, como assassino de lord Woodville.

Heulard estremeceu da cabeça aos pés.

— Juro-lhe senhor prefeito, que estou innocente. Não posso explicar a mim proprio como esse punhal e essas joias foram introduzidas no meu armario. Maria, supplico-te que me não compromettas. Não me faças levar para a prisão e dahi talvez á guilhotina. Bem sei que me queres mal, porque te abandonei. Mas isso não é razão para accusar um homem de um assassinato. Jesus! como poderei provar que estou innocente?

— Poderá proval-o ao juiz de instrucção, se todavia o conseguir, exclamou o prefeito da policia. Em todo o caso, vamos afastal-o daqui. Senhores, levem o prisioneiro e conduzam-n'o ao segredo. Agora, peço ás pessoas que nada têm aqui a fazer que saiam deste gabinete.

Esta ordem foi executada immediatamente.

O morto foi levado para o seu quarto e deitado

(Continúa na pag. seguinte)

na cama. Nancy seguiu-o e com os olhos já enxutos, ajoelhou junto do leito.

Apenas o gerente do hotel e o prefeito da policia ficaram no aposento onde se tinham dado tão tragicos acontecimentos.

— Estou deveras desgostoso, senhor prefeito, disse o gerente ao magistrado — porque, ao drama que se deu no meu hotel, junta-se a circumstancia aggravante do criminoso ser um dos meus empregados. Receio muito que o hotel seja prejudicado com esse facto.

— Mas, meu Deus! disse o prefeito encolhendo os hombros, não se pode ler no coração dos homens. Estava realmente satisfeito com esse Baptista Heulard, a respeito de quem deu tão boas informações?

— Mereci-as, senhor prefeito, e nunca, nunca, o teria supposto um ladrão e um assassino. O seu procedimento no hotel era irreprehensivel, e a intriga com Maria, não se lhe pode realmente imputar como um crime.

— Pertence portanto á categoria dos criminosos de occasião, tornou o prefeito de policia. As joias preciosas que o lord usava accenderam-lhe a cubiça. Disse-me que elle tinha mais occasiões de se approximar do lord de que qualquer outro creado. Alem disso, terá tido conhecimento do ganho realizado esta manhã por lord Woodville. Tudo isso o determinou a perpetrar o seu nefando crime. Sim, senhor gerente, muitas vezes basta um momento de loucura para transformar num criminoso um homem, que foi sempre a honestidade em pessoa.

Neste momento, bateram á porta do gabinete. Desagradavelmente surprehendido, o prefeito da policia viu entrar um homem, elegantemente vestido, com um grande bigode grisalho.

— Permitta senhor, disse o prefeito de policia, a entrada neste aposento onde acaba de se produzir um acontecimento tão doloroso é formalmente interdicta. O gerente do hotel e eu vamos deixal-o e vão ser postos os sellos na porta.

— Perdoem-me, senhores, disse o recem-chegado, cuja figura denotava, sem duvida possivel, que era militar, e trazia no peito a fita da Legião de Honra. Creio ter a fazer-lhes uma communicação da mais alta importancia. Permitta-me que me apresente. Sou o coronel Legardin.

— Um dos nossos hospedes mais amaveis de todos os annos, ajuntou o gerente.

— Estou encantado de o conhecer, disse o prefeito da policia, e os dois homens trocaram um aperto de mão. A sua communicação diz respeito ao crime que se perpetrou aqui?

— Sim, senhor prefeito. Eis o que é: mas antes de começar desejo que me promettam a mas absoluta discreção.

— Mas certamente.

— E' sempre desagradavel ser obrigado a dar uma indicação á policia. Faz lembrar o espião. Mas o que se ha de fazer, quando se tem a sensação de que isso é um dever?

— E' sempre bom falar, senhor, tornou o prefeito. Tem alguma suspeita, meu coronel?

Suspeitas! não vou tão longe... Desejo simplesmente narrar-lhe um facto. Como o senhor gerente lhe terá dito, convidamos hoje, durante o almoço, miss Nancy Elliot, a formosa companheira do nosso chorado lord Woodville, para um passeio num barco até o Cabo Martin. O convite foi acceito.

"Miss Nancy Elliot partiu com minha mulher, minha filha e toda a minha familia. Chegados ao Cabo Martin, entramos num café, e as senhoras pediram refrescos. De repente, com grande espanto nosso, miss Elliot desappareceu, e esteve mais de uma hora ausente. Fiquei inquieto, porque a tinha visto dirigir-se para a costa, e receei que lhe tivesse succedido algum desastre.

"Desci á praia, percorri-a em todos os sentidos, sem poder descobrir a joven.

"De subito, avistei dois barcos no mar. Como estavam muito afastados para que podesse reconhecel-os, peguei num binoculo que me acompanha sempre nas minhas excursões pelos arredores de Monte Carlo, e com o auxilio das suas excellentes lentes pude distinguir que num dos barcos estava miss Elliot sentada, e no outro um homem.

— Um homem! disse o prefeito da policia franzindo as sobrancelhas. Começo a crer que a sua communicação apresenta um interesse verdadeiramente extraordinario. Continue, peço-lhe. E o que faziam essas duas pessoas nos barcos?

— Deviam tratar de assumptos muito graves, porque as duas embarcações estavam juntas uma da outra. Voltei immediatamente para junto dos meus

mas não lhes dei parte na minha descoberta. Quando miss Elliot se nos reuniu, pareceu-me muito pallida. Os seus olhos tinham um brilho extraordinario.

"Peço-lhes perdão, meus amigos, disse ella, mas o magnifico aspecto do mar produziu-me uma tal impressão que não pude resistir ao desejo de saltar para um bote e dar um passeio.

— Mas deve ser muito aborrecido, disse eu, passeiar assim só no mar.

— Não creia em tal, respondeu ella. Nunca o mar me aborrece.

"Vem, meus senhores, que miss Nancy Elliot dissimulou-me propositalmente a verdade. A' minha observação sobre o aborrecimento de um passeio solitario, podia bem ter respondido que encontrara algum conhecimento noutro bote. Não havia mal nenhum nesse facto.

— Perdôe-me, meu coronel. Vou dirigir-lhe uma pergunta da mais alta importancia. A que horas teve miss Nancy Elliot essa conversa com um desconhecido? Pode precisal-a?

— Pouco mais ou menos retorquiu o coronel. Partimos depois do almoço. A carruagem levou vinte e cinco minutos para nos conduzir ao Cabo Martin. Eram cerca de tres horas quando surprehendi miss Nancy Elliot falando com um desconhecido.

— E o crime teve logar ás quatro e meia? perguntou o prefeito ao gerente.

Este inclinou a cabeça affirmativamente.

— Ha portanto uma differença de hora e meia. O homem com quem falou miss Nancy Elliot pode portanto ser o assassino, pois teve tempo sufficiente para vir aqui e perpetrar o crime.

"Agradeço-lhe a communicação coronel, e peço-lhe que a não repita seja a quem fôr. Graças a si, tenho uma nova pista a seguir. E agora, deixemos estes logares, theatro de uma tão medonha tragedia.

Alguns minutos depois, os sellos do principe de Monaco achavam-se a postos nas portas do quarto onde lord Frederic Woodville exhalara o ultimo suspiro.

O prefeito de policia sahiu do hotel e o gerente seguiu para Nice afim de obter a peso de ouro das redacções dos jornaes uma noticia tão resumida e insignificante, quanto fosse possivel do dramatico acontecimento.

Os apertos de mão do gerente tiveram por certo uma singular eloquencia, porque nessa mesma noite podia-se ler nos jornaes de Nice e de Monte-Carlo a seguinte noticia:

"Hoje, pouco depois do almoço no Hotel de Paris, lord Frederico Woodville, um hospede rico e distincto do celebre estabelecimento foi encontrado morto junto á sua secretária.

"Os boatos de assassinato que correram em Monte-Carlo são errados, ou pelo menos antecipados.

"E' muito mais racional pensar no suicidio do joven lord, que dava já ha algum tempo signaes de desarranjo cerebral.

.. ..

— E raios! exclamou Sherlock quando desembarcou em Nice e leu esses jornaes. Eis aqui uma informaçãosinha que faria honra á "Arizona Kicker", o mais celebre dos jornaes humoristicos do Wild-West.

"Um suicidio! Sei melhor do que ninguem que esse pobre lord Frederic sahiu bem contra a vontade deste mundo. Emfim, Harry, meu rapaz, é preciso continuar o nosso caminho, afim de attingirmos, antes de tudo, o termo da nossa viagem.

E o policia, seguido pelo discipulo, tomou o comboio que estacionara ali perto e chegou a Monte-Carlo meia hora depois.

A' chegada, uma quantidade de creados e porteiros dos hoteis esperavam os viajantes.

— Hotel Paris! gritou Sherlock.

O porteiro apresentou-se immediatamente, conduziu os viajantes a um elegante omnibus que os depôz, passados alguns minutos, á porta do hotel.

Sherlock alugou dois quartos, e declarou que desejaria, muito por causa da asthma de que soffria, ser alojado no primeiro andar.

Depois inscreveu-se no registo com o nome de Thomas Smith, negociante em Londres e seu filho Harry.

Obteve no primeiro andar dois quartos contiguos os quaes haviam sido occupados por lord Woodville.

— All right, Harry, exclamou Sherlock mas agora, attenção. E' necessario que me chames papá. Comprehendes?

— Sim, papá.

(*Continúa na pag. seguinte*)

— Contarás a quem te fizer perguntas, uma historia tocante a respeito da tua pobre mamã, que morreu pouco tempo depois do teu nascimento.

— Contar-lhes-ei mesmo se o desejar, papá, que morreu antes do meu nascimento, retorquiu o rapaz.

Sherlock riu com o seu riso franco e silencioso. Procedeu em seguida á sua toilette e, voltando-se para o seu joven discipulo, disse-lhe:

— Fica aqui, emquanto eu vou ver miss Nancy Elliot. Quero ouvir da sua bocca a narrativa do crime. Entretanto vae-te occupando a untar os gonzos da porta, porque pode ser que tenhamos que operar sem ruido esta noite.

— Bem papá.

Sherlock, satisfeito, dirigiu-se para o corredor.

CAPITULO IV

SHERLOCK HOLMES TRABALHA

— Não se assuste miss Elliot. Sou eu, Sherlock Holmes, a quem mandou chamar.

Dizendo estas palavras, o policia depois de ter batido de mansinho, sem receber resposta, entrava pela porta entreaberta.

— Senhor Sherlock? Ah!... infelizmente chega demasiado tarde!

Nancy Elliot erguera-se de junto do leito onde repousava o morto. Estendera as suas mãos como que para protegel-o... Depois, deixou-as cahir vagarosamente.

A soberana belleza da joven artista, pareceu, na expressão da sua dôr, ainda mais admiravel ao policia do que em scena. Dir-se-ia uma estatua de marmore esculpida por um artista para representar a dor.

— Demasiado tarde! repetiu aproximando-se lentamente do policia. Veja senhor Sherlock, o que fizeram delle, um cadaver, mudo, frio e pallido.

— Demasiado tarde, não, miss Elliot, replicou Sherlock agarrando as mãos da formosa mulher. Porque se é realmente muito tarde para o salval-o e pôl-o ao abrigo do crime, não é demasiado tarde para o vingar e fazer castigar aquelles que commetteram este odioso crime.

"E a isto, miss Elliot, deve consagrar todos os seus esforços e toda a sua actividade. Pois era a unica pessoa que lord Woodville amava e posso dizer-lhe, de um amor feito de ternura e admiração, como poucas mulheres têm conhecido.

Nancy poz o lenço nos olhos para enxugar um novo diluvio de lagrimas. Lançou-se aos pés do leito e um demorado estremecimento agitou-lhe o corpo.

Mas, de subito agarrou as mãos do detective e exclamou:

— Tem razão, senhor Sherlock. Sei que tenho agora um dever a cumprir. Este nobre morto não deve baixar á sepultura sem que o seu assassino receba o castigo que merece. Quero ser forte! Quero subordinar a minha dor á necessidade de vingança!

— Permitta-me que lhe exprima a minha admiração, disse Sherlock. Falou muitissimo bem, e conheço poucas mulheres capazes de manter semelhante linguagem! E agora, miss Elliot, deixe-me, antes de tudo, ver o pobre morto.

"Muito bem. Foi ferido á traição. Provavelmente não deu pelo assassino. Segundo a minha opinião, serviram-se de um estilete italiano.

— E' verdade, interrompeu miss Elliot. A arma está nas mãos do prefeito da policia de Monte-Carlo, assim como o relogio e as joias que roubaram a Frederic.

— Roubaram? repetiu Sherlock muito admirado. Houve pois o roubo ao mesmo tempo que assassinio? Muito bem. O criminoso quiz fazer crer que roubo foi o mobil do crime. Mas posso assegurar-lhe, miss Elliot, que o criminoso se importava muito pouco com as joias de lord Frederic.

— Comtudo faltam mais de 35.000 francos, que Frederic tinha ganho de mamã na casa do jogo.

— Esse facto não consegue fazer-me mudar de opinião. Ou consumaram o roubo para desviar suspeitas ou então a mão que feriu, foi a de um ladrão que ao necessario. E agora, miss Elliot, conte-me tudo. Faça-me a narrativa destes ultimos dias, uma narrativa a mais fiel possivel.

encontrou meio de juntar o util ao — como direi...

A joven artista cambaleava.

Sherlock Holmes fel-a sentar numa cadeira baixa e ella começou a falar.

Sherlock, com a cabeça entre as mãos, sem fazer um movimento, escutou a narrativa que durou meia hora.

Nancy falava devagar, claramente, sem entrar em detalhes superfluos. De vez em quando, o detective interrompia-a com breves interjeições: Muito interessante — Depois — Prefeito — Comprehendo.

— Eis tudo quanto sei, disse ella terminando. Eu perco-me neste labyrintho de factos. O senhor possue o fio genial que permittirá guial-o até á luz.

O policia tinha-se levantado. Caminhava pelo aposento fazendo estalar os ossos dos dedos.

— Por emquanto, tornou elle, com a fronte sulcada de profundas rugas, esse fio a que se refere está quebrado em muitos pontos. Preciso que esteja inteiro. Conseguil-o-ei? Desejo-o de todo o coração. Ah! ah! Está muito bem... Famoso! Boa idéa! Não está mal... nada mal...

Sherlock, entregue ao seu pensamento, ria-se, tanto, que Nancy olhava para elle, attonita, um pouco offendida, até.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno..... (52 ns.) ...... 48$000
Semestre (26 ») ...... 25$000

(Registada)

Anno..... (52 ns.) ...... 70$000
Semestre (26 ») ...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno..... (52 ns.) ...... 78$000
Semestre (26 ») ...... 40$000

(Registada)

Anno..... (52 ns.) ...... 115$000
Semestre (26 ») ...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: THESOUREIRO:

Gustavo Barroso Gyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500

Em todo o Brasil
a
AGUA FIGARO
É A TINTURA
DE MAIOR CONFIANÇA

CUTIVACIN
Creme aderente em bisnagas
Combate rapidamente acne, espinhas e
pequenos abcessos
FAZENDO A PELLE AVELLUDADA E FORMOSA
PRODUCTO DO LABORATORIO RAUL LEITE - RIO -

A alegria de viver

JUVENTUDE, BELLEZA, SAUDE! Trilogia que representa o encanto supremo da vida! Ella enche o mundo com as notas harmoniosas da divina canção da Alegria.

Mas, se falha a saude, toda a harmonia se perturba, desapparece toda a delicia de viver.

SENHORITAS! Defendei, como a um thesouro de incommensuravel valor, a vossa saude! com ella é a vossa belleza, é a vossa mocidade que defendeis.

Não deixeis que o soffrimento vos abata e envelheça; assim que, em certas épocas, o mal estar e a enxaqueca ameacem perturbar o rithmo de vossa saude, defendei-vos com o famoso "remedio de confiança", a providencial CAFIASPIRINA!

Sem offerecer o minimo inconveniente para o organismo, a CAFIASPIRINA, em poucos minutos, faz passar a dôr de cabeça e o mal estar, restituindo o vigor ao corpo e a serenidade ao espirito.

A "CAFIASPIRINA" *é igualmente de effeito prompto e seguro nos resfriados, dôres de cabeça, de dentes, de ouvido, dôres rheumaticas, nevralgias, etc.*